

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Curso de Biblioteconomia

ANALIA DE OLIVEIRA

E-BOOKS E LEITURA DIGITAL:
um estudo de caso

PORTO ALEGRE
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Curso de Biblioteconomia**

***E-BOOKS E LEITURA DIGITAL:*
um estudo de caso**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do Título de Bacharel
em Biblioteconomia pela
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Helen Beatriz
Frota Rozados

**PORTO ALEGRE
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
REITOR: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto
VICE- REITOR: Prof. Dr. Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DIRETORA: Ana Maria Mielniczuk de Moura
VICE- DIRETORO: André Iribure Rodrigues
CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO: Maria do Rocio Fontoura
Teixeira
CHEFE SUBSTITUTO: Valdir Jose Morigi
COORDENADORA DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA: Samile
Andréa de Souza Vanz
GERENTE ADMINISTRATIVA: Maria Berenice Lopes

FICHA CATALOGRÁFICA

O48e Oliveira, Analia de

E-books e leitura digital: um estudo de caso / Analia de Oliveira. --
2013.

90 f. : il.

Orientadora: Helen Beatriz Frota Rozados.

Monografia de Conclusão de Curso -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, 2013.

1. E-book. 2. Livro digital. 3. Biblioteca Acadêmica. 4. Escola de
Engenharia da UFRGS. 5. Estudo de Caso. I. Título.

CDU 658

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova o trabalho de conclusão de curso intitulado: “**E-BOOKS E LEITURA DIGITAL: um estudo de caso**” elaborada por Analia de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia:

Aprovada em ____ de _____ de 2013.

Prof. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

Prof. Mestra Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto

Prof. Mestra June Magda Rosa Scharnberg
Bibliotecária-Chefe da Escola de Engenharia da UFRGS.

Banca realizada em: 12/12/2013

Conceito A

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa! Quatro anos de muito empenho e dedicação, ficamos afastados das pessoas que amamos sempre dizendo: “Agora não, depois que eu terminar de estudar para a prova.” ou “Agora estou fazendo o projeto.” ou ainda “Depois que eu terminar o TCC nós vamos.” Quem não está envolvido em um projeto muitas vezes não entende. Mas quem está envolvido sabe quão angustiante é ter que cumprir as etapas e deixar de lado a família, os amigos, comemorações, enfim a vida social. Agora estamos chegando ao nosso destino final. Entregar o TCC, defender junto à banca, esperar a aprovação e receber o diploma tão esperado. Gostaria de agradecer a todos que estiveram conosco nesta caminhada, porém é impossível relacionar todas as pessoas que contribuíram para que chegássemos até aqui.

Então agradeço aos meus pais Limongi e Maria Cecília (*in memoriam*) por terem tido a bondade de me dar a vida, aos meus filhos Fernanda e Filipe, e a minha neta Giulie que tanto amo, mesmo que nem sempre consiga demonstrar como gostaria.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ter me possibilitado realizar um sonho que acalentava desde a minha juventude, que era o de estudar nesta instituição de destaque no Brasil e no mundo.

A professora Helen Beatriz Frota Rozados, por ter aceito a tarefa hercúlea de me orientar neste trabalho, o que fez de forma brilhante. Sempre pronta para revisar os conteúdos e me fornecer material onde eu podia sanar minhas inúmeras dúvidas.

A todos os professores da Fabico, que sabiamente nos levaram a percorrer este caminho de forma lúdica e quando percebemos já estávamos no final.

A professora June Magda Rosa Scharnberg, Bibliotecária-Chefe da BIBENG e sua equipe pelo apoio na elaboração e aplicação do questionário e também pela atenção e carinho.

Ao professor Geraldo Ribas por ter gentilmente colaborado na análise dos dados da pesquisa.

A minha amiga Claudia Tutida pelos incentivos e pela grande amizade desenvolvida nestes quatro anos e que espero seja para toda a vida.

A alegria proveniente da realização de um objetivo é proporcional aos esforços empenhados. O sucesso num empreendimento não ocorre facilmente como se deseja. Por meio de contínuo e persistente desafio em derrubar cada barreira é que se cultiva a confiança em si mesma. Assim, num certo momento, perceberá que possui um potencial inimaginável.

Daisaku Ikeda

RESUMO

A evolução da escrita e do livro, contextualizando: a evolução da escrita; a leitura e a leitura digital; a invenção da imprensa; o livro tradicional e o eletrônico, os equipamentos leitores, os nativos digitais e as gerações X, Y e Z, os direitos autorais e as editoras, as bibliotecas e sua relação com os livros eletrônicos. Tem por objetivo geral analisar como os alunos da Escola de Engenharia da UFRGS usam a informação digital em seus estudos acadêmicos e em atividades de lazer. Adota a metodologia quali-quantitativa, caracterizando-se como uma pesquisa aplicada, de cunho exploratório, tendo como objeto de pesquisa os usuários da Biblioteca Elyseu Paglioli – BIBENG, da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Utiliza como método o estudo de caso, adotando como instrumento de pesquisa o questionário. Os dados mostram que, apesar do crescente uso da informação em meio digital e conseqüentemente o aumento de leitores de e-books, a preferência ainda é sobre o livro impresso. A pesquisa conclui que o livro impresso vai conviver muito tempo com o digital que, por sua vez, gradualmente deverá conquistar os leitores, porém isso vai acontecer pacificamente e ambos deverão conviver harmoniosamente nos próximos anos, como aconteceu com o *volumen* e o *codex*.

Palavras-Chave: *E-book*. Livro digital. Leitura digital. Biblioteca acadêmica. Escola de Engenharia da UFRGS.

ABSTRACT

The evolution of writing and the book, contextualizing: the evolution of writing, reading and digital reading, the invention of printing, traditional books and electronic readers devices, digital natives and the X, Y and Z generations, the copyright and publishers, libraries and its relationship with electronic books. Has the objective to analyze how students of the School of Engineering at UFRGS use digital information in their academic studies and in leisure activities. Adopts the qualitative-quantitative methodology, characterized as an applied research, exploratory, and as a research library users Elyseu Paglioli - BIBENG , School of Engineering, Federal University of Rio Grande do Sul used as the method case study, adopting as a research tool the questionnaire. The data show that, despite the increasing use of digital information and consequently the increase of e-book readers, the preference is still on the printed book. The research concludes that the printed book will live long with digital that, in turn, should gradually gain readers, but it will happen peacefully and both should coexist harmoniously in the coming years, as happened with the volumen, and codex.

Keywords: *E-book. Digital book. Digital reading. Academic library. Escola de Engenharia da UFRGS.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	E-book e livros digitais - Quem já ouviu falar ou já leu um livro digital.....	39
Figura	2	<i>E-reader</i> Positivo Alfa.....	47
Figura	3	<i>E-reader</i> Kindle com Wi-Fi.....	48
Figura	4	Kobo Aura HD <i>E-ink</i>	49
Figura	5	<i>Digital Paper</i> da Sony.....	50
Gráfico	1	Sexo.....	70
Gráfico	2	Idade.....	71
Gráfico	3	Cursos.....	72
Gráfico	4	Periodicidade do uso de fontes de informação em meio digital.....	75
Gráfico	5	Índice de alunos que fazem <i>download</i> de <i>e-books</i> gratuitos.....	75
Gráfico	6	<i>Sites/portais</i> utilizados para ler/fazer <i>download</i> de livros.....	76
Gráfico	7	Vantagens do livro digital <i>versus</i> impresso.....	77
Gráfico	8	Vantagens do livro digital.....	77
Gráfico	9	Desvantagens do livro digital <i>versus</i> impresso.....	78
Gráfico	10	Desvantagens do livro digital.....	79
Gráfico	11	Alunos que possuem <i>e-reader</i>	79
Gráfico	12	Porcentagem de alunos que compraram livro digital.....	80
Gráfico	13	Possíveis usos para os aparelhos leitores.....	81
Gráfico	14	Preferência entre impresso e digital.....	81
Gráfico	15	Motivos da preferência pelo <i>e-book</i>	83
Gráfico	16	Motivos da preferência pelo impresso.....	83
Gráfico	17	Perfil do leitor de livros digitais.....	85
Tabela	1	Editoras por estado.....	32
Tabela	2	Número de livros lidos por ano, (comparativo entre o ano 2007 e 2011 entre todos os entrevistados).....	34
Tabela	3	Dados do faturamento de <i>e-books</i> e aplicativos.....	40
Tabela	4	Frequência de leitura digital <i>versus</i> Frequência de uso de <i>e-books</i> para conteúdos acadêmicos.....	73
Tabela	5	Frequência de leitura digital <i>versus</i> Frequência de uso de <i>e-books</i> para leituras de lazer.....	74

LISTA DE SIGLAS

ABRELIVROS	Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares
ALA	American Library Association
ARPA	Advanced Research Projects Agency
ARPANet	Advanced Research Projects Agency Network
AVA	Ambientes virtuais de aprendizagem
BIBENG	Biblioteca da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CD-rom	Compact Disc read-only memory
CTP	Científico, Técnico e Profissional
DID	Didáticos
DRM	Digital Rights Management
EAD	Educação a Distância
EBLIDA	European Bureau of Library, Information and Documentation Associations
ePUB	Eletronic Publication
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
HD	Hard Disk
HTML	HyperText Markup Language
HTTP	Hypertext Transfer Protocol
ISBN	International Standard Book Number
LD	Leitura Digital
MEMEX	Memory Extender System
MPEG	Moving Picture Experts Group
MP3	MPEG-1/2 Audio Layer 3
OG	Obras Gerais
OMPI	Organização Mundial da Propriedade Intelectual
OPAC	<i>On-line</i> Public Access Catalog
PDA	Personal Digital Assistant
PDF	Portable Document Format
REL	Religião
ROI	Return on Investment
SABi	Sistema de Automação de Bibliotecas
SBUFRGS	Sistema de Bibliotecas da UFRGS
SD	Secure Digital
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

URL

Uniform Resource Locator

WWW

World Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	QUESTÃO DA PESQUISA.....	13
1.2	JUSTIFICATIVA.....	13
1.3	OBJETIVOS.....	14
1.3.1	Objetivo geral.....	14
1.3.2	Objetivos específicos.....	14
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1	A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E DO LIVRO.....	16
2.1.1	A evolução da escrita.....	21
2.1.2	A leitura e a leitura digital.....	24
2.1.3	A invenção da imprensa.....	27
2.1.4	O Livro no Brasil.....	31
2.2.1	O Livro eletrônico (e-book).....	35
2.2.2	Formatos dos e-books.....	41
2.2.3	Equipamentos para Leitura Digital.....	42
2.2.4	Direitos Autorais.....	51
2.2.5	Os Nativos Digitais e as Gerações X, Y e Z.....	56
2.2.6	As Editoras, as Bibliotecas e os Livros Eletrônicos.....	59
3	METODOLOGIA.....	64
3.1	MÉTODO DE PESQUISA.....	64
3.2	INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	65
3.3	ESCOLA DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL E BIBLIOTECA ELYSEU PAGLIOLI – BIBENG.....	67
3.3.1	População e amostra.....	69
3.3.2	Perfil da amostra.....	70
3.4	PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	72
3.5	LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	72
4	ANÁLISE E CRÍTICA DOS DADOS.....	73
5	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	85
	REFERÊNCIAS.....	88
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA.....	91

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em constante mudança. O universo transforma-se a cada minuto. A impermanência está presente em nossas vidas. Precisamos adaptar-nos às mudanças rapidamente ou então seremos soterrados pelas novidades, tornando-nos obsoletos e sem capacidade para utilizar a tecnologia que facilita o nosso dia-a-dia.

No entanto, toda mudança provoca reações, algumas contrárias, outras a favor. Com o livro digital não está sendo diferente. Desde o início da escrita, cada mudança de suporte trouxe resistência na aceitação do novo, porém, com o tempo, a resistência vai caindo trazendo a constatação de que o novo sempre agrega valores que o antigo não possuía. Da mesma maneira o livro digital suscita ainda algumas resistências, porém é passível de se observar que está sendo gradativamente aceito. Pesquisas recentes já apontam um crescimento nas vendas. A evolução dos aparelhos leitores para este tipo de suporte vem proporcionando uma leitura cada vez mais semelhante à do livro impresso. A queda do preço, o aumento da oferta de títulos e os conteúdos multimídia são alguns dos atrativos que prometem seduzir e cativar o leitor. Isso não quer dizer que o livro, tal como se está acostumado a ler, vai ser extinto. A televisão não acabou com o cinema, nem com o teatro. O celular não determinou o fim do telefone fixo. Essas e outras analogias podem ser feitas para produtos que evoluíram e, na mente de algumas pessoas, pareciam ser ameaça para o seu antecessor. Porém, com o passar do tempo, a tendência é o ser humano adaptar-se ao novo, constatando que o novo e o antigo podem conviver harmonicamente, muitas vezes um complementando o outro. Os saudosistas e conservadores geralmente resistem por mais tempo a aceitar a novidade, mas isto não impede a criação e a evolução da tecnologia, pois isto já se mostrou um caminho sem volta.

A tecnologia, quando vinculada à informação, além de permitir armazená-la, organizá-la e disponibilizá-la, também proporciona diversas maneiras de usá-la de maneira ágil, rápida e segura. A leitura digital é um exemplo da tecnologia em prol da divulgação da informação por ter todas estas vantagens apontadas e, ainda, poder ser enriquecida com *links*, *hiperlinks*, sons e animações. Também a evolução dos aparelhos leitores surpreende a cada dia, com novidades que proporcionam uma leitura cada vez mais confortável, dinâmica, a um custo cada vez menor. Este

fenômeno está auxiliando a democratizar a informação, facilitando seu acesso a um número crescente de pessoas.

Percebendo-se que o crescimento do *e-book* é uma realidade, que as tecnologias que o sustentam estão em constante evolução e que as pessoas, cada dia mais, estão dominando estas tecnologias, entendeu-se importante aprofundar conhecimentos sobre o tema. Para subsidiar, portanto, a investigação proposta, faz-se necessário contextualizar os principais temas que compõem este assunto. Desta forma, inicia-se abordando a história do livro e da escrita chegando-se à questão do livro e da leitura digital. Comenta-se também sobre os nativos digitais e as gerações X, Y e Z e sua relação com a tecnologia do livro digital em uma biblioteca acadêmica, razão desta investigação.

1.1 QUESTÃO DA PESQUISA:

Muitas são as indagações de como os leitores estão se comportando com relação à leitura e aos livros digitais: os integrantes das gerações Y e Z, considerados nativos digitais, estão aceitando e adaptados a estas tecnologias? Estão beneficiando-se da gama de opções que este tipo de tecnologia oferece para facilitar sua leitura, estudo e pesquisa? Como o mercado editorial e as bibliotecas estão lidando com o livro digital? Buscar respostas para estas questões e refletir sobre elas é importante para entender o momento atual e as implicações contidas nas relações desta nova forma de ler com os leitores, as bibliotecas e as editoras.

1.2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa busca entender o mercado editorial, a posição das bibliotecas e a atitude dos usuários com relação à disponibilização de livros digitais e sua consequente leitura. Procura, também, identificar o que está sendo implementado, no sentido de facilitar a publicação e a comercialização deste tipo de livro, a evolução dos *e-readers* e como a comunidade acadêmica está se adaptando a esta nova maneira de ler e pesquisar.

O interesse que a pesquisadora tem pelos livros e o gosto pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) provocou a ideia de fazer um trabalho que unisse ambos. Com isto veio o tema dos *e-books* e a leitura digital, por ser um assunto de extrema relevância especialmente para a área das Ciências da Informação e que se mostra em constante evolução, portanto; necessita de permanente atualização por parte de quem as utiliza para se manter conectado.

Pretende-se com o estudo mostrar como as editoras estão lidando com esta nova forma de comercializar seus ativos, como as bibliotecas vão incluir este novo formato de livro, que não é palpável, em seus acervos e como os usuários da biblioteca encaram este artefato da tecnologia que promete revolucionar as formas de pesquisa e leitura.

Deseja-se que o trabalho possa trazer elucidações para as inúmeras dúvidas que pairam sobre este assunto tão interessante e ao mesmo tempo tão controverso e venha contribuir para a realização de outros e mais aprofundados, necessários especialmente ao desenvolvimento da Biblioteconomia enquanto uma ciência cada vez mais voltada à tecnologia. Espera-se que o resultado da pesquisa seja útil para outras bibliotecas que pretendam implantar o sistema em seus acervos.

1.3 OBJETIVOS

São objetivos deste estudo os a seguir colocados.

1.3.1 Objetivo geral

Averiguar como os alunos da Escola de Engenharia da UFRGS, que são usuários da Biblioteca da Escola de Engenharia da UFRGS (BIBENG), usam a informação digital em seus estudos acadêmicos e em atividades de lazer.

1.3.2 Objetivos específicos

São objetivos específicos desta investigação:

- a) levantar a situação atual dos e-books e de seus equipamentos leitores;
- b) verificar como estão sendo aceitos os *e-books* e a leitura digital no âmbito da academia;
- c) identificar os usos da leitura digital pelos estudantes.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção será feita uma revisão da literatura, baseada nos teóricos da atualidade, para embasar esta pesquisa. Uma breve retrospectiva da história da escrita e do livro se faz necessária para mostrar como se deu a evolução, tanto da escrita como do suporte para a mesma; iniciando com os primórdios do registro da informação, passando pela invenção da imprensa e chegando ao livro eletrônico. Uma breve explicação sobre os direitos autorais e os formatos do livro eletrônico serão vistos para mostrar o que muda entre o impresso e o digital. Com os conceitos de nativos digitais e as gerações X, Y e Z, pretende-se mostrar a diferença entre nascer durante ou antes da era tecnológica. Em as editoras, bibliotecas e livros eletrônicos é visto como o processo de aquisição e administração dos *e-books* está se dando.

2.1 A EVOLUÇÃO DA ESCRITA E DO LIVRO

Desde o início da civilização o homem teve a necessidade de registrar fatos e o cotidiano de sua vida. No início gravava a informação de forma rudimentar através de desenhos nas cavernas. Dos desenhos nas cavernas, passou para as tabuletas de argila nas quais registrava desde as leis até a contabilidade e também a história. As tabuletas de argila são consideradas as precursoras do livro. Eram feitas de barro no qual os escribas faziam seus apontamentos com um estilete de metal ou de osso e usavam a escrita cuneiforme. Porém as tabuletas eram pesadas e frágeis, de difícil manuseio e quebravam-se com facilidade, ocasionando a perda de informação. Elas foram usadas desde o IV milênio a.C. e serviam para registrar contratos, notas e recibos.

Campos (1994, p.27) ressalta:

O livro de barro não registrava o nome do autor, mas sim, com alguma frequência, o do escriba ou do proprietário. As bibliotecas dispunham de catálogos das obras, também em lajetas de barro. Os livros não tinham títulos, sendo catalogados pelas duas ou três primeiras palavras do texto. Eram guardados em nichos feitos nas paredes do recinto palaciano destinado às bibliotecas.

A evolução do suporte da escrita deu-se através do papiro, que era preparado em rolo e chamado de “*volumen*” ou “*kylindros*”. A escrita era feita em colunas e usava-se somente o lado da frente da folha (reto). O papiro foi considerado um grande avanço, pois era flexível, o que facilitava a escrita e a leitura, porém era frágil, não resistia à umidade e ao fogo. Para ler era preciso desenrolar de um lado e ir enrolando para o outro. O leitor não conseguia ler e fazer anotações ao mesmo tempo.

A partir da segunda metade do século VI a.C., os egípcios liberaram o porto de Naucratis para os importadores gregos e, com isto, o papiro chega a Grécia onde é chamado de *byblos* e o rolo (livro) passa a ter a denominação de *biblion*. Os romanos também usavam o papiro desde o século IV a.C. O papiro vinha do Egito e era beneficiado em Roma em usinas especializadas antes de ser disponibilizado ao consumidor.

O pergaminho foi outro tipo de material que serviu de suporte à escrita. Usado desde a época de Moisés pelos judeus, era feito de pele de animal, macio e claro, o que favorecia a escrita e a inserção de iluminuras e ilustrações. Era ainda resistente, flexível e de fácil manuseio. No pergaminho os monges faziam os códices que não mais eram feitos em rolos, mas de páginas tal qual o livro da atualidade o que facilitou a escrita, a leitura, seu transporte e guarda. Chartier (1999, p.13-16) relata: “O leitor do livro em forma de *códex* coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos.”

A versão mais sofisticada do pergaminho era chamada de velino e era preparado da pele de carneiros natimortos. Quando reutilizado, chamava-se palimpsesto, sendo raspado para receber outro registro posteriormente, porém esta prática proporcionou a perda de muita informação. O pergaminho foi utilizado por mais de 20 séculos.

O pergaminho foi utilizado também pelos romanos. A aceitação deste suporte deve-se ao fato de sua maleabilidade permitir a costura para unir as folhas e a possibilidade de escrita nos dois lados (reto e verso). Outra vantagem do pergaminho era a possibilidade da numeração das folhas. Na Grécia, o pergaminho precedeu ao papiro que era raro nesta região.

Os escribas surgiram nesta época e eram os responsáveis pela redação de textos oficiais, burocráticos, religiosos e laudatórios e também das obras literárias.

Ocupavam altos cargos no governo e sua profissão era considerada uma das mais importantes.

Já os chineses criaram o livro de bambu. O bambu era cortado em tiras preparadas para receber a escrita. Cada tira recebia em média vinte palavras. As tiras eram furadas em uma das extremidades e unidas por um fio de seda. Várias tiras formavam o livro. Este suporte foi usado por aproximadamente 1000 anos apesar do inconveniente do seu peso. Os chineses usavam também pedaços de seda e tabuinhas entalhadas para fazerem seus registros.

Os gregos usavam tabuinhas enceradas como suporte da escrita (também havia as de marfim e de bronze). Nas tabuinhas cobertas de cera, a escrita era feita com um estilete. Quando composta por duas tabuinhas recebia a denominação de *díptico* e quando eram três, *tríptico*. Os óstracos (cacos de cerâmica) também foram utilizados pelos gregos para a escrita.

Já os romanos usavam a entrecasca da tília (uma árvore ornamental, nativa da Europa) como suporte para a escrita, o processo de produção deste suporte se assemelha à maneira de se fazer papiro. Ainda da tília produziam tabuinhas enceradas (*tabellae ceratae*) para apontamentos comerciais, bilhetes, cartas, rascunhos, trabalhos escolares, também usavam metal ou marfim para fazer as *tabellae*. Podiam ser unidas umas as outras e assim chamavam-se *díptico*, *tríptico*, *pentáptico*, *políptico* de acordo com o número de placas.

O papel, utilizado até os dias de hoje, foi inventado na China aproximadamente no ano 105 d.C por Tsai Lun. Inicialmente feito de retalhos de seda, mais tarde passou a ser feito com a entrecasca da amoreira e do bambu e restos de produtos feitos com fibras vegetais. Por seiscentos anos o papel foi elaborado exclusivamente na China, espalhando-se, mais tarde, pela Ásia. No século VI, o Japão iniciou a manufatura do papel, seguido pelos egípcios e pelos árabes, mas somente no século XII chega à Europa, vindo de Damasco e da África.

Em 1150, o papel começou a ser produzido na Espanha pelo mesmo processo utilizado na China mil anos antes.

Do século XII ao século XVIII o papel não sofreu muitas alterações, era espesso e escuro, feito de trapos macerados. Na metade do século XVIII, John Baskerville, que havia sido mestre de escrita e gravador de pedras tumulares e que se tornara impressor de livros e especialista no desenho de tipos, criou o *papier vélin* ou papel velino que era um papel acetinado e sem sulcos; recebeu este nome porque se parecia com o pergaminho feito da pele de carneiros natimortos.

Três foram as razões pelas quais o papel demorou a difundir-se pela Europa: o analfabetismo então vigente; a preferência que existia pelo pergaminho, devido à sua qualidade ser superior à do papel; e também pela sua origem, pois sendo o pergaminho de origem muçulmana e judaica não era bem visto pela Igreja e sofria sanções legais tais como o veto do rei Frederico II, em 1221, que criou um decreto no qual determinava que documentos oficiais em papel, não eram válidos.

Quase no século XIII, a Itália tornou-se produtora de papel, aperfeiçoando a técnica e criando a *marca d'água*, com a qual era identificada no resto do mundo. Em 1348, a França passa a produzir papel, e no século XVI, em Paris, às margens do Sena, havia muitos moinhos de farinha que tinham sido transformados em moinhos de papel. Além dos moinhos, o papel era produzido de uma forma mais caseira, que o deixava mais grosseiro e poroso. Em 1390, a Alemanha segue o exemplo da Itália e da França sendo seguida por Portugal, em 1411 e pela Inglaterra em 1494.

No entanto, durante esses séculos, o pergaminho continuou sendo o preferido havendo quem se recusasse a ter livros de papel em sua biblioteca, porém no século XV, com a chegada dos tipos móveis, o papel obteve destaque.

Com relação à produção dos livros, eles eram copiados pelos monges, desde o século IV. Este trabalho foi feito quase que exclusivamente nos mosteiros até o século XII. Os livros copiados geralmente eram de cunho religioso, mas, o mosteiro de Bobbio, na Itália, mostrou-se uma exceção, pois desde o século VII produzia textos não religiosos e os distribuía para Roma, Paris e Europa continental.

Havia um local nos mosteiros chamado de *Scriptorium*, no qual os copistas se reuniam para realizar seu trabalho. Campos (1994, p.145) descreve esse local:

Amplamente claro e pleno de claridade, o *scriptorium* compunha-se de repartições com janelas abertas para a arcada do claustro – uma janela para cada escriba (calígrafo) -, localizando-se também, não raro, junto à biblioteca ou, no inverno, no *calefactorium*. Não havia uma área exclusivamente reservada ao trabalho dos copistas. O *scriptorium* não aparece nas plantas arquitetônicas dos mosteiros medievais.

Neste ambiente, os monges tinham uma jornada de trabalho de seis horas diárias, devendo iniciar logo que o sol raiava para aproveitar a luminosidade, uma vez que não era permitida a utilização de velas ou qualquer outra luz artificial que pudesse provocar um incêndio.

No *scriptorium*, além dos copistas havia um monge denominado *armarius* ou *bibliothecarius* para coordenar, dividir e fiscalizar os trabalhos e também providenciar o material necessário para o trabalho dos copistas.

O trabalho de copista era lento e cansativo e rendia em média de quatro a seis páginas por dia. Para agilizar o processo, em alguns casos, um monge lia o texto em voz alta e vários copistas o reproduziam, porém isto acarretava muitos erros, o que prejudicava o resultado final. Chartier (1999, p.99) relata: “No tempo da cópia manuscrita, a mão do escriba pode falhar e acumular os erros.” Por isso, mais tarde, surgiu a figura do revisor, para dar maior credibilidade ao manuscrito copiado. O revisor usava a expressão *contuli, emendavi* (eu conferi, eu corrigi).

Finda a cópia, o manuscrito ia para as mãos de um decorador para que fossem inseridas as ilustrações. Como o papiro não favorecia a prática, ela foi utilizada principalmente depois do século VI, no pergaminho. Nesta etapa eram inseridas as letras maiúsculas, as iniciais dos parágrafos e dos capítulos, nos espaços deixados pelos copistas, geralmente na cor vermelha e decoradas com arabescos, floreios e volutas. O azul-claro também passou a ser usado e, no período medieval, o ouro foi adicionado nos desenhos para iluminar, de onde derivam os termos iluminador e iluminuras.

Após o processo da decoração, o livro ia para a encadernação. O encadernador (*ligator librorum*) recebia o códice e no início o revestia com duas chapas de madeira (*diptycha*), unidas por tiras de couro. Mais tarde foram usadas chapas de marfim, trabalhadas com desenhos. O ouro e a prata, cinzelados e recobertos com pedras preciosas também eram usados para a encadernação de livros geralmente de caráter religioso. No entanto, as capas de couro ou pele de porco eram as mais comuns.

No final do século XIII surge o *líber catenatus* (livro acorrentado) para evitar o roubo de missais e Bíblias disponibilizados para consulta nas igrejas ou nas universidades.

O livro manuscrito continuou a ser feito até o século XVIII e XIX, principalmente para os textos proibidos.

Para que a humanidade chegasse ao progresso tecnológico, foi necessário que a escrita também evoluísse. Graças a ela foi possível registrar cada invenção ou aperfeiçoamento para que ficasse como um legado às gerações futuras.

2.1.1 A evolução da escrita

A escrita estabeleceu-se como uma forma de o homem se comunicar e registrar fatos, acontecimentos. Como o livro, ela teve (e tem) diferentes formatos. Algumas das formas como a escrita pode se apresentar vão ser tratadas a seguir como maneira de se entender que o desenvolvimento do livro também está relacionado ao desenvolvimento da escrita e vice-versa.

Os hieróglifos, no início, eram apenas figurativos sendo que cada imagem representava exatamente o seu significado, uma flor era apenas uma flor. Mais tarde passaram a ter o sentido ideográfico, podendo um símbolo significar várias coisas que estivessem relacionadas, o sol era o sol, mas também representava o dia.

A escrita cuneiforme era ideográfica e foi usada pelos acadianos e sumerianos. Posteriormente, os sumerianos a transformaram em uma escrita fonética silábica e seu alfabeto era composto por cerca de quatrocentos a quinhentos sinais, o que dificultava ser memorizado. A escrita era feita da direita para a esquerda, sendo invertida a partir do II milênio a.C. Quando os persas herdaram a escrita cuneiforme dos babilônicos a simplificaram de quase quinhentos, para cerca de quarenta sinais.

Na escrita fonética, o símbolo representava o som. Mais tarde os egípcios criaram o alfabeto que era composto por 24 consoantes, mas não possuía vogais. Pelos achados arqueológicos descobriu-se que este tipo de escrita era usada entre 2500 e 1500 a.C., juntamente com os sinais ideográficos e silábicos, o que dificulta sua decifração até nossos dias.

Entre os séculos XIV e VII a.C. os mercadores fenícios traziam suas mercadorias para a Grécia e, paralelamente, importaram também o seu alfabeto, que era derivado da escrita cuneiforme dos povos da Mesopotâmia mais os hieróglifos egípcios e outras escritas mais antigas, que, apesar de já estar bastante simplificado, não possuía vogais. Os gregos inseriram as vogais no alfabeto fenício e, no século IV, o mesmo continha 17 consoantes e sete vogais, somando ao todo 24 letras.

Os gregos escreviam da direita para a esquerda, porém, mais tarde, a escrita passou a ser alternada da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, num vai-e-vem. Este sistema era chamado de *bustrofédon* (do grego *bous* e *strephein*, como o arado dos bois, que volta sobre seus passos). É no século V a.C. que a

escrita inicia da esquerda para a direita, como é na atualidade. Os acentos (agudo, grave e circunflexo) passam a ser utilizados a partir de 240 a.C. A pontuação era desconhecida e a letra maiúscula era a única utilizada, chamada de capitular, tendo derivado dos alfabetos fenício, grego e romano.

“A escrita uncial é, tal como a capitular, uma escrita desenvolvida em maiúsculas, com a diferença de terem suas letras sofrido um processo de arredondamento.” (CAMPOS, 1994, p. 140). Surgiu no século IV, atingiu seu apogeu no século V e estendeu-se até o século IX.

A escrita cursiva (as letras eram ligadas umas às outras) foi usada desde a metade do século III a.C. e proporcionava agilidade à escrita. Desta escrita derivaram várias outras, de acordo com a região. O semicursivo minúsculo italiano pertencia à Itália do século VII ao IX. A merovíngia era usada na França, a visigótica, na Espanha nos séculos VIII e IX e a cursiva insular, era anglo-irlandesa, muito famosa por sua beleza.

Os escribas, por questões de praticidade, transformaram os desenhos lapidares em uma escrita hierática e, posteriormente, na escrita demótica (do grego *demos*, povo). Da escrita demótica mais o alfabeto derivado do grego originou-se a escrita copta usada no Egito no III século d.C.

Até o século I a.C. o alfabeto romano tinha 21 letras. Com a conquista da Grécia, após o I século a.C., as letras Y e Z foram adicionadas para facilitar as traduções do grego para o latim.

Os germanos criaram uma escrita misteriosa, a rúnica, anterior ao século III a.C. Inicialmente compunha-se de 24 runas, passando a 16 runas na Idade Média (século IX). Os caracteres eram angulares, possivelmente para facilitar a escrita geralmente feita em materiais duros como a madeira ou a pedra.

Para agilizar o processo da escrita e, ao mesmo tempo, economizar pergaminho, o uso de abreviaturas foi criado na Idade Média. Outro recurso para facilitar a escrita foi a taquigrafia, possivelmente criada no século II a.C. por Tullius Tiro para conseguir registrar os discursos dos oradores.

Se, na Antiguidade, ter domínio sobre a leitura e a escrita era um privilégio para poucos e usada como forma de dominação, com a evolução dos suportes para a escrita e a criação da máquina para imprimir, a escrita e, conseqüentemente, a leitura, foram atingindo cada vez mais pessoas.

A evolução da escrita interfere na evolução do livro e vice-versa. A prova disto é que o texto digital absorveu o que é considerado uma nova forma de escrita (e

também de leitura): o *hipertexto*. O *hipertexto* gera uma nova forma de escrita, relacionada às TIC e à escrita digital, que vai influir tanto na criação como na apropriação do texto. Na criação, permite que o autor enriqueça sua obra com imagens, vídeos, sons ou *links* que remetem a outros textos ou a definições que complementam sua obra. Na leitura, possibilita que o leitor interaja com o texto, explorando os *links* para aprofundar seus conhecimentos, e tenha novas experiências a cada leitura, uma vez que o texto abandona a fixidez e a linearidade e possibilita uma flexibilidade que remete a múltiplas possibilidades, como montar um quebra cabeça.

Ted Nelson, em 1963, cunhou o termo hipertexto, porém quem idealizou seu funcionamento foi Vannevar Bush, após o final da 2ª Guerra Mundial. Ele queria criar um sistema informatizado no qual a informação pudesse ser compartilhada, o que foi descrito em seu artigo intitulado “As we may think” (Como podemos pensar). O referido artigo aponta para o fato de que seu autor propunha uma maneira de organizar o conhecimento, que ele já via como cada vez mais crescente, para torná-lo acessível. Pondera que, embora o acúmulo da experiência humana se expanda em uma taxa extraordinária, a forma adotada para se fazer uso deste emaranhado de informações é o mesmo utilizado na época das embarcações de velas quadradas.

Porém, Bush (1945, p.101) é otimista e escreve:

Mas há sinais de uma nova e poderosa mudança a este respeito: as células fotoelétricas, capazes de enxergar coisas a partir de uma percepção física; a fotografia avançada, que pode gravar o que é visível ou não; válvulas capazes de controlar potentes mecanismos usando uma força menor do que a usada por um mosquito para bater suas asas; tubos de raios catódicos, executando eventos, que, se compararmos, um microssegundo é uma infinidade de tempo; combinações de relé, que realizam sequências complexas de maneira mais segura e rápida do que qualquer operador humano. Estes são vários auxílios mecânicos que repercutirão na transformação dos registros científicos.

E continua: “Se um documento é importante para a ciência, deve ser preservado, armazenado, e principalmente consultado.” (1945, p.101). Descreve, então, uma máquina idealizada por ele, a qual dá o nome de *Memory Extender System* (MEMEX) e que utilizaria conexões lógico-mecânicas para armazenar, organizar e possibilitar acesso rápido à informação. Ele imaginava que no MEMEX seria possível inserir os livros, imagens, publicações periódicas, anotações e uma gama de informações através de microfimes.

A consulta ao documento seria feita através da indexação tradicional. Quando inserido o código de classificação o livro ou documento apareceria no visor. Haveria a possibilidade de folhear o livro para à frente ou para trás, também uma página por vez, de dez em dez ou ainda de cem em cem.

Bush imaginou ainda a indexação associativa em “[...] que cada um dos elementos selecione ou busque outro elemento automaticamente e imediatamente.” (p.106) o que atualmente chamamos de *link*, uma vez que os elementos estariam ligados uns aos outros em infinitas associações, semelhante ao que ocorre na mente humana, porém com uma capacidade de armazenamento muito maior, sem contar a rapidez de acesso e a recuperação da informação. Já no sistema idealizado por Nelson seria possível armazenar todos os documentos disponíveis, sendo possível ainda a criação de novos documentos onde os dados seriam acessados por *links* de forma não linear. O usuário teria total liberdade de fazer o caminho que melhor que conviesse.

Bush não chegou a construir a máquina idealizada, porém, baseados em sua descrição e somada a outras descobertas, foi criado o computador que evoluiu. Atualmente o computador pessoal está presente na maioria dos lares e ligado, muitas vezes, em redes, entre elas a internet, comunicando-se através da *World Wide WEB* (WWW), em uma troca contínua de informações que contemplam as aspirações de Bush. Os textos produzidos permitem a inserção de *links* que, por sua vez, possibilitam a ampliação e a conexão de diferentes conhecimentos e informações.

2.1.2 A leitura e a leitura digital

Para Chartier (1999, p.77): “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados.” O Ministro da Educação da Espanha, Ángel Gabilondo (2010), complementa afirmando que a leitura é um instrumento fundamental de aprendizagem, que nos faz crescer. Ele também enfatiza que ler é antecipar, criar possibilidades, abrir janelas, compreender, escolher. Na sua fala, Gabilondo ressalta que, independente do suporte, a leitura será cada vez mais importante por sua capacidade de transformação e enorme dimensão intelectual.

O processo da leitura se dá quando o indivíduo consegue assimilar as convenções dos símbolos e signos, decodificando assim a escrita. O processo de aprendizagem da leitura pode se dar de duas formas: com o auxílio de indivíduos mais desenvolvidos culturalmente ou ainda, através do autodidatismo citado por Chartier (1999, p. 104) como sendo “[...] aquele da conquista da cultura escrita a partir do analfabetismo e do iletrismo.” O que sucede quando o leitor decifra o texto através das imagens.

Independentemente da forma como o leitor lê, Chartier (1999, p.105) considera que a leitura propicia “[...] uma entrada em um mundo diferente.”

No início a leitura era oral, em voz alta, usada pela maioria das pessoas. Mais tarde em virtude da lei do silêncio nas bibliotecas a leitura passou a ser conduzida apenas com os olhos, de forma solitária, onde cada um lia para si.

Chartier relata: “Do ponto de vista histórico, é interessante ver como, aumentando as exigências que definem a alfabetização, transforma-se o valor, negativo ou positivo, de certos comportamentos e certas práticas.” (1999, p.100-101).

Estas práticas foram mudando de acordo com a época e as exigências do momento, conduzindo o leitor a novos procedimentos para adaptar-se à nova realidade. A alfabetização, com o advento da leitura digital, exige do leitor novas habilidades e conhecimentos, uma vez que para ler um texto eletrônico é necessário saber utilizar um aparato eletrônico usado como suporte para a leitura.

Para Chartier (2009, p.92), “[...] cada leitor tem suas próprias características por ser um ser único, porém se assemelha com as pessoas de sua comunidade.” Essas comunidades mudam de acordo com o período e vários outros fatores relativos: língua, geografia da região, economia, sistema político.

O mesmo autor (2009, p.93) pondera:

Observa-se que na atualidade com a mudança para a tecnologia os jovens não se beneficiam por uma aprendizagem através do comportamento da geração anterior. A ruptura da continuidade criou a necessidade de aprendizagens novas e consequentemente o afastamento dos hábitos.

O que se observa é que a tecnologia possibilitou o surgimento de uma nova forma de leitura, a leitura digital feita diretamente em aparatos eletrônicos. Neste tipo de leitura não existe o contato físico com o papel. Os livros ou textos são digitalizados ou já nascem em meio digital e são disponibilizados de diversas

maneiras, mas principalmente através da internet, o que possibilita que mais de um leitor o acesse, estando em qualquer lugar do planeta e a qualquer hora do dia, socializando a informação.

Para essa nova forma de leitura, são necessários mais requisitos do que para a leitura convencional. Esta nova competência está vinculada ao que se denomina hoje de alfabetização digital, que está ganhando uma nova forma, um novo contorno. Em função de a evolução tecnológica acontecer de forma muito rápida, as pessoas mais velhas não têm familiaridade com a tecnologia, o que faz com que o jovem tenha que aprender sozinho ou com seus pares usá-la.

Uma das formas em que esta leitura se apresenta é o *hipertexto*, também entendido como uma nova forma de escrita. Para Zayas (2010, p.112), “[...] a leitura do *hipertexto* requer novas competências, uma vez que o texto em meio digital tem características que o diferenciam dos meios tradicionais.” Ele destaca que a tela não significa somente a troca de suporte, mas uma modificação profunda no modo de organização dos conteúdos.

O Programa PISA define hipertexto como:

[...] uma série de fragmentos textuais vinculados entre si de tal modo que as unidades possam se lidas em ordem distintas, permitindo assim que os leitores acessem a informação seguindo rotas distintas. (ZAYAS, 2010, p.112, tradução nossa).

Algumas características importantes nesta classe de textos são: a estruturação não linear das informações; o formato de árvore, com seus galhos ou reticular (em rede); a possibilidade de o leitor fazer itinerários diferentes, segundo a finalidade da leitura ou sua própria vontade.

Zayas (2010, p.113) enfatiza que “[...] ler na internet traz um novo significado para o termo ‘alfabetismo’, que incluem as competências leitoras tradicionais – adaptadas às novas formas de leitura – junto às novas competências.” Uma vez que a leitura em suporte digital está mediada pela tecnologia, então, o conceito de alfabetismo também tem que incorporar os conhecimentos tecnológicos necessários para ler.

A leitura digital, somada à tecnologia já existente, vem ampliar e impulsionar a aprendizagem, uma vez que permite que o usuário leia o texto de forma linear ou, se preferir, “viaje” pelo texto através dos *links* e *hiperlinks*. Desta forma, consegue não só aumentar o interesse e o prazer pela leitura, mas também enriquecer seu conhecimento e vocabulário, pois pode ir de um ponto a outro de um texto com muita

rapidez, tirando dúvidas a respeito de determinada palavra ou assunto ou mesmo aprofundando conhecimentos.

A tecnologia propiciou também a criação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA, do inglês *Virtual Learning Environment* ou *VLE*) para auxiliar o gerenciamento dos conteúdos a serem administrados em Educação a Distância (EAD) e possibilitar a montagem de cursos acessíveis pela internet.

2.1.3 A invenção da imprensa

Os chineses inventaram a impressão xilográfica no século VI, no entanto, os europeus só usaram este processo de impressão a partir de 1400. Na madeira entalhada era passada a tinta, colocado o papel em cima e pressionado com uma prensa manual. Este método era utilizado para confeccionar calendários, cartas de jogar, santinhos e folhas soltas com gravuras. A xilogravura também foi utilizada juntamente com o manuscrito no qual as ilustrações eram tabulares e o texto inserido à mão.

A imprensa também foi inventada pelos chineses embora não se conheça o nome do seu inventor. No início era feita através da reprodução xilográfica. O livro impresso mais antigo, o Sutra diamante, data de 868 d.C., consta que foi impresso por Wang Chien, encontrado “[...] em uma sala das Cavernas dos Mil Budas, em Tung-Huang, no extremo-oriental chinês.” (CAMPOS, 1994, p.77).

Os tipos móveis foram usados primeiramente pelos chineses. Seu inventor, um ferreiro, chamado Pi Sheng de região de Hang-Chu, fazia os tipos em argila que depois de cozidos eram montados em um quadro de ferro sobre uma base também de ferro. Depois do ajuste dos tipos, a impressão era rápida e permitia a tiragem de milhares de cópias. Mais tarde, os tipos móveis passaram a ser feitos de madeira e de estanho e em alguns casos reproduziam palavras em vez de letras.

Este método foi utilizado, posteriormente, pela Coréia e o Japão e persistiu até o século XVIII. Os chineses valorizavam a caligrafia e, pelo fato de necessitarem de centenas de milhares de tipos para comporem um texto com tipos móveis, o que dificultava muito o trabalho, preferiam a xilogravura.

Somente três séculos após os chineses inventarem os tipos móveis Gutenberg inventaria a imprensa manual que combinaria os tipos móveis, a tinta e a

prensa, criando a tipografia. No entanto, Campos (1994) afirma que muitos estudiosos questionam se foi realmente Gutenberg o inventor da tipografia. Existe a especulação que outros poderiam ser os precursores desta invenção, entre eles Lourens Janszoon Coster da Holanda; Prokok Valdvoghel de Praga e ainda o judeu Mair Jaffe. Porém, a maioria dos autores considera que Johann Gutenberg de Estrasburgo e Mogúncia é o inventor da imprensa.

Quando o arcebispo Adolfo saqueou Mogúncia, em 1462, a cidade como um todo se desorganizou e, em consequência disto, os tipógrafos mudaram-se para outros países em busca de um lugar favorável às suas atividades. A Itália, a França e a Espanha foram os primeiros países da Europa em que os alemães, oriundos de Mogúncia, se instalaram.

Dos impressores que sucederam Gutenberg e espalharam-se pela Europa, é necessário citar o francês Nicolas Jenson e, especialmente, o italiano Aldo Manúcio que se destacaram na arte da tipografia. Aldo fixou-se em Veneza e sua tipografia tornou-se um ponto de encontro dos sábios humanistas de sua época. Após cinco anos de atividade, Aldo tinha um catálogo com 30 obras nas quais inovou usando a letra de forma nos clássicos gregos e latinos. Além disso, preocupado com a circulação dos livros e desejoso que atingissem um número maior de leitores, iniciou a impressão no formato in-8º, menor, mais fácil de manusear e com um preço mais acessível. Para o novo formato, Aldo passou a usar a letra da escrita de *chancelaria*, por achá-la mais adequada.

São desta época os *incunábulos*. Do latim *incunabulum* (berço), o termo denomina os livros impressos no século XV até 1500. A Bíblia de Gutenberg é o *incunábulo* mais conhecido e um dos primeiros a ser impresso. Segundo Campos (1994, p. 183), “[...] a maior parte dos *incunábulos* – 42% - foi impressa na Itália, seguindo-se a Alemanha, com 30%. Em terceiro lugar ficou a França, com 15%. Quase metade dos *incunábulos* tratava de religião.”

Em 1539 a tipografia chegou à América, primeiramente no México e, em 1584, no Peru. No Brasil, apesar de duas tentativas no século XVIII, a tipografia foi estabelecida somente em 1808, com a chegada de D. João VI.

Nessa ocasião a indústria livreira estava em franca expansão, sendo utilizada tanto por Lutero em sua reforma religiosa, como pela Igreja católica para se defender dos ataques dos protestantes. Isto só veio a contribuir para o crescimento da tiragem e a democratização do livro. Apesar do aumento considerável de livros impressos, este período foi marcado, ao mesmo tempo, pela recuperação de livros raros e, em

contrapartida, pela destruição de tantos outros, em uma verdadeira guerra entre católicos e protestantes. Além da fogueira, os livros eram destinados a fins pouco nobres, como cita Campos (1994, p.188):

Na Dinamarca, burocratas do poder utilizaram os pergaminhos da Biblioteca da Universidade de Copenhague para capa de seus livros de contabilidade. E nos festejos do casamento do príncipe herdeiro, em 1634, velhos códices ricamente iluminados cederam suas folhas para cartuchos de fogos de artifício.

Com o advento da tipografia, o surgimento do papel, a diminuição do tamanho dos livros e a consequente diminuição do preço, o objeto de desejo de muitos passa a ser acessível a um número cada vez maior de leitores. Por outro lado há um aumento no número de alfabetizados que também leva a um maior consumo de livros, no entanto, com a velocidade com que o prelo imprime, logo começam a sobrar livros e os editores passam a disponibilizar os exemplares excedentes para os vendedores ambulantes, que vão de cidade em cidade distribuindo listagem dos títulos disponíveis e o local onde podem ser encontrados. A respeito desta preocupação, Chartier (1999, p. 110) coloca:

De fato, o medo do excesso de livros é bastante antigo. Encontramo-lo desde o tempo em que a produção do livro não tinha, ainda, a dimensão que terá no século XIX ou no início do XX. A multiplicação dos livros é garantida, primeiro pela invenção de Gutenberg, segundo, no século XIX, pela industrialização da atividade gráfica e, enfim, no século XX, pela multiplicação das tiragens graças aos livros de bolso.

E complementa:

O tema da crise do livro ligada à superprodução aparece desde a segunda revolução industrial do livro, no século XIX, a dos anos 1860-1870, quando se abandona a composição manual de Gutenberg para passar à era do monotipo e depois à do linotipo. O aumento das tiragens, o crescimento da produção impressa, sem falar da produção de jornal e a multiplicação dos periódicos e revistas, acompanham esta mutação técnica. Deve-se notar que a primeira revolução da industrialização do livro, dos anos 1820-1830, que é uma industrialização da impressão, não tinha originado os mesmos fenômenos. (1999, p.126).

Já Eco e Carrière (2010, p. 106) são mais positivos:

Mas voltemos aos livros antigos. Explicamos que os livros impressos circulavam mais nos meios cultos. Mas certamente circulavam bem mais que os manuscritos, isto é, os códices que os precederam, e portanto a invenção da tipografia representa sem sombra de dúvida uma verdadeira revolução democrática. Não podemos conceber a Reforma protestante e a difusão da Bíblia sem o socorro da tipografia. No século XVI, o tipógrafo

veneziano Aldo Manuce terá inclusive a grande ideia de fazer o livro de bolso, muito mais fácil de transportar. Ao que eu saiba, nunca se inventou meio mais eficiente de transportar a informação. Até o computador, com todos os seus *gigabytes*, tem que ser conectado. Não há esse problema com o livro. Repito. O livro é como a roda. Uma vez que você o inventou, não pode ir mais longe.

Apesar das posições favoráveis ou contrárias, otimistas ou pessimistas, o livro segue seu curso, com aprimoramentos, sempre visando transmitir a informação a um número crescente de pessoas, de uma forma cada vez mais prática, barata e acessível.

Campos (1994, p.208) relata que: “O século XIX contou com três inovações tecnológicas que muito favoreceram o desenvolvimento da indústria editorial.” São elas: a invenção do prelo cilíndrico que aumentava consideravelmente as tiragens dos jornais, livros e impressos; o papel de pasta de madeira, já que a matéria prima (os trapos de seda) estava escassa e em função da escassez havia encarecido; e ainda a invenção do linotipo, a primeira máquina de compor, que permitia a composição com uma velocidade de três a quatro vezes maior do que a composição manual.

Em 1904, surgiu o offset que consiste em um processo de impressão indireta onde a tinta passa por um cilindro intermediário antes de atingir a superfície e serve para grandes tiragens. A partir de 1953, surge a fotocomposição e, para agilizar ainda mais o processo de impressão, foram feitas algumas modificações como o uso de tipos mais simples que favoreciam a leitura e a tornavam mais rápida e alterações na diagramação com a intenção de cativar o leitor moderno.

Com a I e a II Guerra Mundial os livros sofreram destruição tanto pelos incêndios provocados pelos bombardeios, como pelos saques ou a destruição intencional. As bibliotecas, com frequência eram os primeiros alvos dos bombardeios. Muito se perdeu.

Para tentar recuperar o que foi destruído, as bibliotecas atuais colaboram entre si e compõem um catálogo coletivo no qual existe o empréstimo mútuo que possibilita o empréstimo dos exemplares entre bibliotecas de uma mesma cidade, país ou até mesmo entre bibliotecas estrangeiras.

Umberto Eco e Carrière (2010, p. 16) ao falarem do livro citam: “As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos.” E complementam:

O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é. (ibidem, p. 17).

Ao que Darnton acrescenta:

Pense no livro. Sua resistência é extraordinária. Desde a invenção do códice, por volta do nascimento de Cristo, provou-se uma máquina maravilhosa – excelente para transportar informação, cômodo para ser folheado, confortável para ser lido na cama, soberbo para armazenamento e incrivelmente resistente a danos. Não precisa de *upgrades*, *downloads* ou *boots*, não precisa ser acessado, conectado a circuitos ou extraído de redes. Seu *design* é um prazer para os olhos. Sua forma torna o ato de segurá-lo nas mãos um deleite. E sua conveniência fez dele a ferramenta básica do saber por milhares de anos, mesmo quando precisava ser desenrolado para ser lido (na forma de rolos de papiro, diferentemente do códice, composto de folhas reunidas por encadernação) muito antes de Alexandre, o Grande fundar a biblioteca de Alexandria em 332 a.C. (2010, p. 86).

Apesar das estatísticas apontarem para uma queda no índice de leitura, o livro ainda está no imaginário das pessoas, como bem descreve Darnton. Além de ser o suporte da informação, tão necessária nos tempos atuais, ele é uma fonte de lazer e de prazer que não tem substituto à altura para um amante da leitura.

2.1.4 O Livro no Brasil

Quando D.João VI chegou ao Brasil, em 1808, trouxe em sua bagagem 60 mil volumes da Biblioteca Real e, neste mesmo ano, um novo prelo começou a funcionar, trazendo a tipografia para terras brasileiras. A imprensa logo se espalhou, chegando a diversos estados brasileiros. De imediato, Rio de Janeiro e São Paulo destacaram-se na produção e comercialização de livros. No século XX surgiram diversas editoras entre elas pode-se citar: Civilização Brasileira em 1929; José Olympio em 1931; Martins Editora em 1937; Editora Ática em 1965.

No Rio Grande do Sul, a Livraria do Globo iniciou suas atividades em 1883, em Porto Alegre. Seu comércio de papelaria e venda de livros era complementado por serviços gerais de tipografia e, em 1898, passou a publicar livros sob encomenda. Em 1909, adquiriu um linotipo e passou a produzir impressos padronizados e livros escolares e de literatura. A Livraria do Globo tinha vários produtos ligados a atividades comerciais e culturais e publicava o Almanaque do Globo (1917-1933) um anuário com informação e lazer. Em 1917 a livraria possuía

várias seções: Tipografia, Editora, Fotografia, Cartonagem, Impressão, Litografia, Encadernação e a Royal, para manutenção das máquinas de escrever dessa marca, que eram vendidas pela Livraria. A Livraria do Globo teve posição de destaque tanto no Rio grande do Sul como em todo o Brasil por sua posição de vanguarda e dinamismo durante toda a sua trajetória. Foi vendida para as Organizações Globo, de Roberto Marinho, em 1986.

Segundo o *site* do ISBN¹, existem atualmente 13.816 editoras em solo brasileiro, conforme pode ser visto na Tabela 1 e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL)² e a Câmara Brasileira do Livro (CBL), que realizam anualmente um levantamento do mercado editorial no País, assinalam que a produção de livros, em 2012, foi de 57.473 títulos, imprimindo 920.181.395 exemplares (1ª impressão mais reimpressão) e alcançando a soma de R\$ 4.984.612.881,04 no valor de suas vendas. A CBL³ divulgou, ainda, que as editoras tiveram um crescimento real nas vendas em 2012, apesar do número de exemplares comercializados no mesmo ano terem sofrido uma queda de 7,36% em relação a 2011. O faturamento foi de R\$ 4,98 bilhões, apontando um crescimento de 3,04%, em comparação ao ano anterior, quando o resultado foi de R\$ 4,83 bilhões.

Tabela 1 - Editoras por estado – Brasil - 2013

28 Estados encontrados - PESSOA JURÍDICA		
ESTADO	QUANTIDADE	(%)
AC	31	0,22%
AL	41	0,30%
AM	97	0,70%
AP	11	0,08%
BA	425	3,08%
CE	273	1,98%
DF	657	4,76%
ES	163	1,18%
GO	191	1,38%
MA	68	0,49%
MG	1104	7,99%
MS	94	0,68%
MT	95	0,69%

¹ Disponível em: < <http://www.isbn.br/website/relatorio-por-pessoa-juridica>>. Acesso em: 11 nov. 2013

² Disponível em: <<http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>>. Acesso em: 02 out. 2013

³ Disponível em: < <http://www.cbl.org.br/telas/noticias/noticias-detahes.aspx?id=2080>>. Acesso em: 02 out. 2013

PA	150	1,09%
PB	98	0,71%
PE	296	2,14%
PI	46	0,33%
PR	879	6,36%
RJ	2481	17,96%
RN	108	0,78%
RO	20	0,14%
RR	9	0,07%
RS	897	6,49%
SC	459	3,32%
SE	41	0,30%
SP	5059	36,62%
TO	23	0,17%
TOTAL	13816	100%

Fonte: International Standard Book Number – ISBN (2013)

Com base nos números da produção nacional é possível fazer um diagnóstico de que o livro impresso não vai ser extinto, pelo menos num curto espaço de tempo. Sobre este tema, prediz Campos (1994, p.223):

Nada indica, portanto, que o livro esteja condenado à morte, a curto prazo. Um dia talvez venha a ter sua forma atual substituída por outra, mais prática e mais barata, mais ao gosto de futuras gerações. Mas seguirá sendo livro, como foi o *codex* em substituição ao *volumen*. Em outra apresentação, de outro jeito, como ainda não podemos corretamente imaginar. Por enquanto, e cremos que por muito tempo, como disse Svend Dahl⁴, “o livro continuará com a vantagem de não ser passageiro como os demais meios de comunicação, mas um perdurável depósito de pensamentos e saberes, ações, sentimentos e fantasias da humanidade, sempre disposto a abrir-se de novo”.

Este também é o entendimento de Darnton:

A capacidade de resistência do códice à moda antiga ilustra um princípio geral da história da comunicação: uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo. A publicação de manuscritos floresceu por muito tempo depois da invenção da prensa móvel por Gutenberg; os jornais não acabaram com o livro impresso; a televisão não destruiu o rádio; a internet não fez os telespectadores abandonarem suas tevês. Assim sendo, seria possível que mudanças tecnológicas ofereçam uma mensagem reconfortante de continuidade, apesar da proliferação de novas invenções? (2010, p.14).

⁴ DAHL, Svend. **História Del libro**. Madrid, Alianza, 1987.

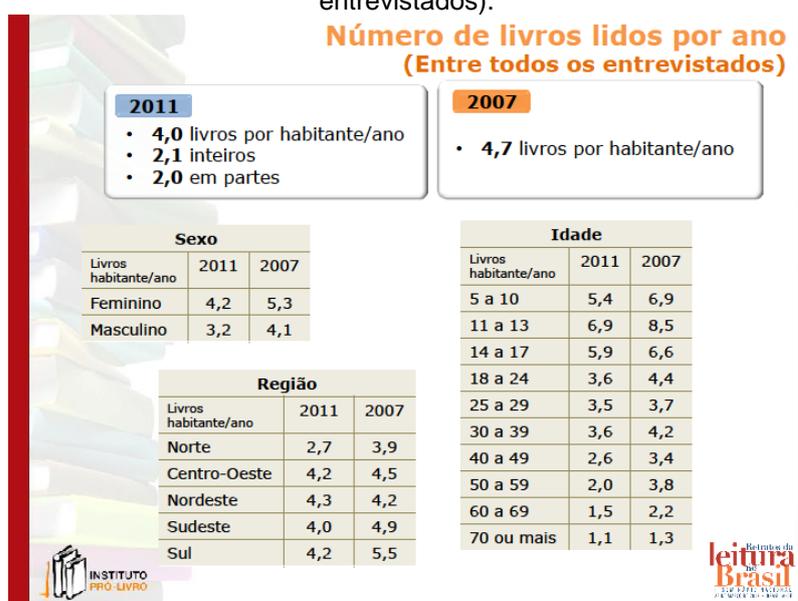
Darnton complementa sua ideia dizendo que 'não'. E compara que a explosão dos modos eletrônicos de comunicação é tão revolucionária como a invenção da impressão por tipos móveis, e que temos tanta dificuldade de assimilá-la quanto os leitores do século XV ao se confrontarem com textos impressos.

Por outro lado, com relação à leitura no Brasil o Instituto Pró-Livro, com o apoio das entidades Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), CBL e SNE e editoras associadas, publicou a terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. A periodicidade justifica-se, já que tem como objetivos viabilizar a construção de séries históricas e identificar como o comportamento do leitor reflete as mudanças no cenário social, cultural e da educação na sociedade brasileira. Segundo Karine Pansa, presidente do Instituto Pró-Livro (2012, p.7)

O acompanhamento periódico das mudanças quanto a interesses, representações sobre leitura e livro, influenciadores, motivações, limitações, preferência por suporte digital ou impresso e outras variáveis usadas na pesquisa para medir e desenhar esse comportamento possibilita traçar tendências, segundo perfil da população, e identificar políticas e ações que deram certo.

Na Tabela 2 é possível visualizar parte dos resultados que a pesquisa obteve.

Tabela 2 – Número de livros lidos por ano, (comparativo entre o ano 2007 e 2011 entre todos os entrevistados).



Fonte: Instituto Pró-Livro, (2012).

Se, por um lado o livro impresso não parece em vias de extinção, por outro nasceu e está se consolidando um livro em outro formato e suporte: o livro eletrônico, também conhecido como *e-book*.

As mudanças ocorridas ao longo do tempo demonstram o apreço que o ser humano tem pelo o livro e a sua tentativa constante de melhorar o seu formato tornando-o mais acessível. São as mudanças dos hábitos de leitura e também do suporte e do formato do livro que se descrevem a seguir.

2.2.1 O Livro eletrônico (*e-book*)

O *e-book* é um produto da tecnologia relacionada às TIC que chega, não para acabar com o livro impresso, mas sim para permitir uma nova forma de leitura de livros. Propicia uma leitura não linear e se apropria de recursos multimídia para envolver o leitor e tornar sua leitura mais agradável e dinâmica, podendo, inclusive, provocar uma nova interpretação a cada leitura. Pode ser lido na própria internet (*online*) ou baixado (*download*), no suporte preferido para uma leitura posterior.

A mudança de tecnologia do livro impresso para o digital está provocando uma mudança no modo de ler. O leitor necessita agregar à sua competência para ler, os conhecimentos para usar um computador ou um aparelho leitor para os *e-books*.

Chartier (2005, p.83-84) quando questionado sobre a invenção da tipografia e sobre os livros 'A galáxia de Gutenberg' e 'O aparecimento do livro', ponderou que:

[...] a revolução do impresso é talvez uma revolução menos revolucionária do que o invento do códice, que impõe ou propõe uma nova forma de livro a leitores acostumados a ler em rolos e que então podiam e deviam ler da mesma forma que conhecemos, folheando páginas, cadernos, livros cercados nas suas capas. Neste ponto de vista é uma evolução da leitura e uma revolução do objeto livro, infinitamente maior do que os produzidos imediatamente pela nova técnica da prensa para imprimir e dos caracteres móveis.

Novamente ocorre uma evolução da leitura e uma revolução do objeto livro que “[...] permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro.” (CHARTIER, 1999, p.88). Há quem diga que está nascendo um novo gênero literário que agrega texto, imagem e som.

Goulemot (1996, p.113) entende que “[...] cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos

diversos, segundo os grupos culturais.” O mesmo autor acrescenta que: “A posse dos códigos que os regem permite a leitura.” A cada mudança de formato ou suporte o leitor necessita adaptar-se, criar novas habilidades para adequar-se às alterações criadas.

Com o advento da tecnologia, do *hipertexto*, dos *links*, das imagens em movimento, o leitor precisa mais uma vez tomar posse dos novos modelos e seus códigos narrativos para se apropriar da leitura digital e conseguir tirar proveito dos recursos disponíveis que enriquecem a leitura.

Na opinião de Bourdieu e Chartier (1996, p.241-242), “[...] as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos.”

Se as leituras do livro impresso são sempre plurais obtendo sentidos diferentes a cada novo leitor ou leitura, o que dizer do *hipertexto* que oferece inúmeras possibilidades de leitura e interpretação, uma vez que seu percurso não é linear como no livro impresso. Os *links* e *hiperlinks* remetem o leitor a outras informações que estão fora do texto e esse novo texto por sua vez pode possuir outros *links* que o enviarão a outro texto ou informação. Para alguns leitores esses caminhos podem se transformar em verdadeiros labirintos nos quais, em determinado ponto, ele se encontrará totalmente perdido, sem saber como chegou até ali. Quando este caminho é feito conscientemente pode enriquecer a leitura, pois o leitor aprofunda o conhecimento, esclarecendo dúvidas no próprio momento da leitura sem a necessidade de recorrer a outros livros físicos, dicionários ou o que quer que seja.

Segundo Paulino:

No final do século XX surgiu o livro eletrônico que se apresenta num suporte eletrônico que o virtualiza, o computador. Não se pode definir, ainda, se o livro eletrônico é um continuador do livro tradicional ou uma ruptura total com os antigos padrões de leitura, mas é consenso que é uma quebra com os antigos padrões materiais. (2009, p.7).

Para Pinheiro (2011, p.14), *e-book*, que segundo o mesmo autor pode ser grafado como *Ebook* ou *eBook*, seria:

Acrónimo de *electronic book*, ou livro eletrônico; designa uma publicação em formato digital que, para além de texto, pode incluir também imagens, vídeo

e áudio. Outras designações são livro digital ou livro digitalizado. Muitas vezes utiliza-se, erradamente, o termo *ebook* para designar um *e-reader*.

Chartier, por sua vez, complementa a definição anterior ao relatar:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (1999, p.13).

O mesmo autor considera que o texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal, tanto para quem escreve como para quem lê.

O *e-book* é formado pelo conteúdo, aplicativo e suporte. O conteúdo é o texto criado pelo autor para representar suas ideias, pesquisas ou para relatar um fato histórico; o aplicativo é o *software* utilizado para ler o *e-book*, é a sequência de instruções que o *hardware* executa para disponibilizar o conteúdo na tela; e o suporte é o *hardware*, ou seja, o *e-reader*, computador, *tablet*, *smartphone*, cada um com suas características próprias.

A essa nova possibilidade de leitura, o leitor ainda está se adaptando e necessita desenvolver novas aptidões que o livro impresso não exigia. Fala-se, inclusive, em uma nova alfabetização, mais complexa, pois além de saber ler, o leitor precisa saber usar algum tipo de aparelho eletrônico que possibilite a ele fazer esta leitura.

A ideia dos *e-books* surgiu em 1971, mas o primeiro livro só foi publicado em 1993: 'Do assassinato considerado como uma das belas artes', de Thomas de Quincey. A Amazon foi a pioneira no mercado, iniciando a comercialização de livros pela internet em 1995 e, desde então, o mundo vem se adaptando a esta forma de leitura. Com a vantagem de ser mais barato que o impresso, somada à portabilidade, praticidade, peso, que são alguns diferenciais do livro digital, está se consolidando como mais uma opção para os leitores. Os primeiros livros disponíveis para leitura digital foram digitalizados. Atualmente, a maioria já nasce em formato digital. Destes

primórdios do livro digital é importante ressaltar o seu projeto maior: o Projeto Gutenberg.

O Projeto Gutenberg teve início em 1971, tendo sido idealizado por um estudante da Universidade de Illinois. Michael Hart iniciou a digitalização de livros com o intuito de arquivar e distribuir obras culturais. Os itens que compõem o acervo do Projeto são textos completos de livros em domínio público. A digitalização das obras é feita por voluntários e o acesso aos conteúdos é gratuito, podendo a leitura ser *on-line*, mas permitindo o *download* para posterior leitura. Os livros são disponibilizados em vários formatos (*ePub; Kindle; Plucker; QiOO Mobile; Plain Text UTF – 8*) para se adequarem aos vários tipos de suporte disponíveis no mercado. O Projeto Gutenberg aceita doações de qualquer valor para poder continuar com a digitalização e disponibilização de obras com o intuito de democratizar a informação.

No artigo 'A era dos livros digitais'⁵ é citado que os *e-books* apresentam algumas especificidades em relação aos livros convencionais:

Uma delas é o preço final do produto, pois representam uma economia nas despesas com papel e logística. Do valor total de uma obra em papel, estima-se que em geral 15% cubram os custos de impressão e 20% de distribuição. Há que se considerar ainda quesitos como rapidez e praticidade. (MORETTI, 2010, p.2).

A economia de papel, impressão e encadernação, além do armazenamento, transporte, distribuição para vendas no varejo e espaço nas estantes das bibliotecas são algumas das vantagens que os *e-books* têm com relação ao impresso. Ele pode ser adquirido, inclusive, sem custo uma vez que as obras escritas antes de 1900 estão sob domínio público e, no caso das obras brasileiras, encontram-se reunidas no *site* Domínio Público⁶ e podem ser acessadas gratuitamente para consulta, pesquisa e *download*.

Atualmente, nem todo o livro publicado tem o seu correspondente em meio digital, porém a probabilidade disto ocorrer daqui para frente é uma realidade. Por outro lado, livros produzidos apenas em meio digital vêm crescendo. O fato do *e-book* estar em ambiente virtual ocasiona uma economia pelo não uso do papel que tanto é financeira como também beneficia a ecologia, uma vez que não será necessária a derrubada de árvores para a produção do livro. A questão de não haver tiragem mínima é outro fator interessante, pois, ao mesmo tempo em que evita que o

⁵ Disponível em:< <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/premissas/article/viewFile/841/505>> Acesso em: 18 out. 2013.

⁶ Brasil. Ministério da Educação. www.dominiopublico.gov.br

estoque fique parado, ele pode ser constantemente renovado, de acordo com a procura, não havendo a necessidade de manter uma loja física com funcionários, o que diminui consideravelmente os custos.

Existem muitas empresas especializadas em livros digitais, o que está proporcionando uma oferta crescente que, se espera, venha estimular o uso de *e-books*, um ponto importante, já que se sabe do desconhecimento deste tipo de material de leitura no País, conforme aponta a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, citada anteriormente, quando levanta que somente 30% dos entrevistados já ouviu falar de livros digitais. Estes dados podem ser conferidos na Figura 1.

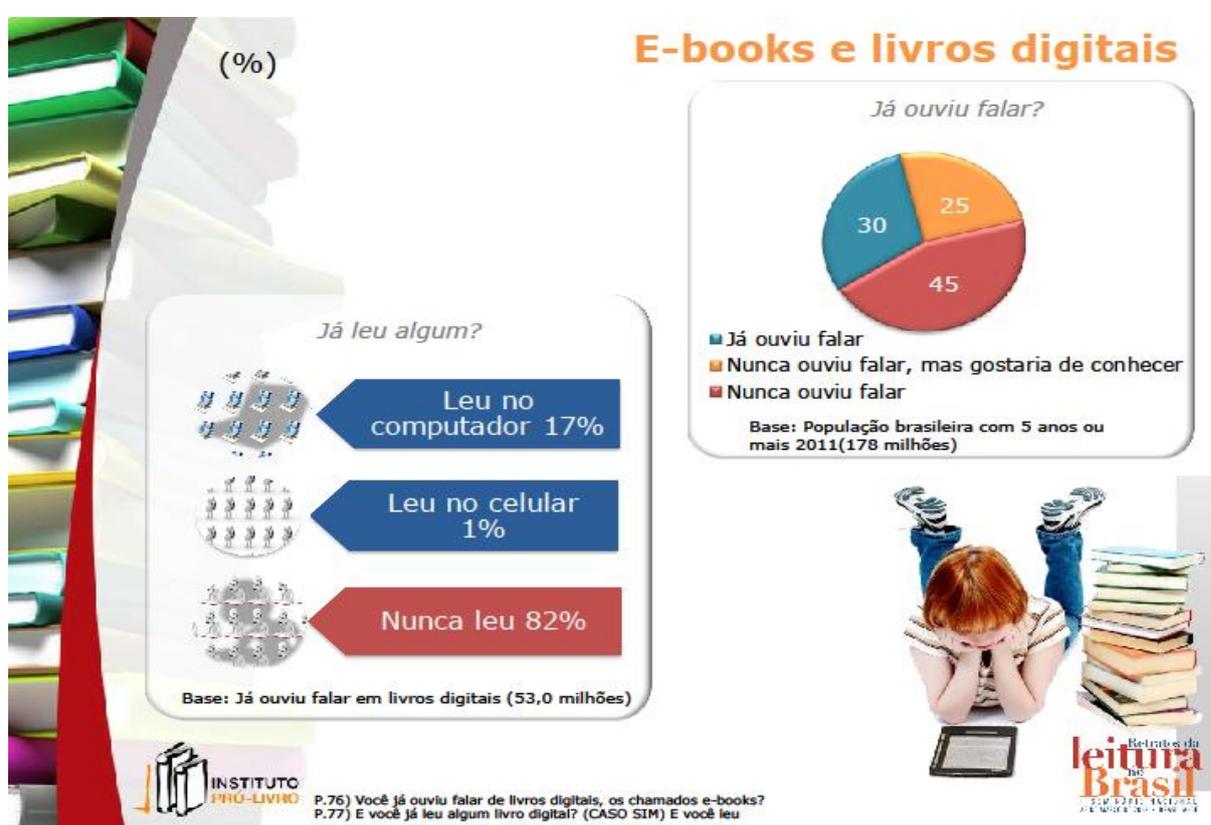


Figura 1: E-book e livros digitais - Quem já ouviu falar ou já leu um livro digital.
Fonte: Instituto Pró-Livro, (2012).

Isso se deve ao fato de que grande parte da sociedade não tem acesso às tecnologias (computador, aparelho leitor para livros digitais, internet) e são considerados excluídos digitais. Apesar da desigualdade social existente no Brasil – responsável pela exclusão de uma grande parcela da população no acesso à informação, educação e às TIC – ainda assim as pesquisas apontam para um aumento no uso de *e-books*.

A Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) divulgou, em julho deste ano, uma pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), com 197 editoras, na qual destaca os dados de venda de *e-books*. Está é a segunda vez que os livros digitais fazem parte da pesquisa. A primeira vez foi em 2011. Entre os resultados obtidos observa-se o faturamento de R\$ 3,85 milhões em vendas de *e-books* e aplicativos de conteúdos. A quantidade de exemplares vendidos atingiu o expressivo número de 235.315 unidades. Comparando os dados desta pesquisa com a anterior observa-se um crescimento de 343,44%, pois o faturamento de 2011 foi de R\$ 868 mil.

Tabela 3: Dados do faturamento de *e-books* e aplicativos - Brasil - 2012.

Faturamento			
Subsetor	e-books	APPS	TOTAL
DID	500.974,26	19.984,00	520.958,26
OG	1.808.051,90	5.477,69	1.813.529,59
REL	253.011,68	0,00	253.011,68
CTP	941.216,51	322.475,00	1.263.691,51
TOTAL	3.503.254,35	347.936,69	3.851.191,04

Fonte: *site* Tipos Digitais, 2013.

Os dados apontados correspondem a 0,23% de participação dos *e-books* no mercado brasileiro em 2012. A matéria do *blog* Tipos Digitais de autoria de Carlo Carrenho, baseada nos dados existentes até o momento, faz uma previsão para 2013 de que a participação dos *e-books*, no total dos livros vendidos nos segmentos de Científico, Técnico e Profissional (CTP) e Obras Gerais, será de 2,63% e aposta que até o final do ano serão mais de três milhões de *e-books* vendidos, o que corresponde a quase 10 vezes mais que em 2012.

Com base nas pesquisas atuais é possível observar o crescimento da venda de livros digitais e aplicativos de conteúdos relacionados, porém ainda existem muitas resistências com relação ao *e-book*. A evolução da tecnologia promete derrubar as barreiras, ainda existentes, entre o leitor e o livro digital.

Dentre as coisas que os usuários de livros impressos apontam, o que mais lhes agrada neste formato tradicional é a possibilidade de ser manuseado e rabiscado. Neste sentido, Kelly (2011, p.27) esclarece:

O que o livro sempre quis foi ser anotado, marcado, sublinhado, ter as pontas de suas páginas dobradas, ser resumido, ganhar referências cruzadas, *hiperlinks*, ser compartilhado, e dialogar. Ser digital lhes permite fazer tudo isso e muito mais.

Este requisito tido como importante para o leitor está contemplado no livro digital através da evolução dos aparelhos leitores que já vêm com uma série de inovações que estão facilitando a leitura digital e a tornando mais confortável e atrativa. Entre elas podem-se destacar os *links*, que permitem que o texto seja pesquisado e acessado rapidamente; as anotações, que são feitas sem que as páginas sejam riscadas ou rabiscadas; o tamanho e o tipo da fonte, que são ajustáveis, favorecendo a preferência ou a necessidade do leitor; a incorporação de imagens animadas e conteúdo multimídia, que são outros atrativos que somam pontos no momento da aquisição de um livro em formato impresso ou digital. Além destes aspectos cabe ainda ressaltar outras vantagens que o livro eletrônico agrega: a facilidade para baixar os livros através da Internet; poder carregar uma série de livros em um único dispositivo; vários usuários poderem consultar e manipular a mesma obra ao mesmo tempo.

Como desvantagens há que se considerar: leitura mais lenta e cansativa, especialmente quando feita em um computador, *smartphone* ou *tablet*, pois os mesmos não possuem recursos como os incorporados nos *e-readers* que fazem com que a leitura digital se assemelhe a leitura de um impresso; grande quantidade de livros sem recursos multimídia; preço dos dispositivos leitores ainda bastante elevado (apesar de já estar barateando); pouca quantidade de exemplares em determinadas áreas do saber; crescente prática de crime contra os direitos de autor.

Com o advento dos livros eletrônicos, Kelly (2011) prevê que no futuro, a biblioteca universal sonhada por tantos visionários será *on-line*, a exemplo da Wikipédia que foi o primeiro livro em rede e se tornou a maior enciclopédia com 27 milhões de páginas e recheada de *links* enviando o leitor, a cada clique, a uma nova possibilidade de leitura. E ainda que semelhante à Wikipédia que tem seu conteúdo elaborado e lido por todas as pessoas que queiram pesquisar ou acrescentar dados, os livros do futuro também poderão ser escritos coletivamente em colaboração.

2.2.2 Formatos dos e-books

Os livros digitais são feitos em formatos diversos, de acordo com o *software* usado na sua confecção e algumas extensões que podem apresentar são: pdf, doc, odt, txt, lit e opf. Os programas desenvolvidos para a leitura de *e-books* reconhecem esses formatos e os apresentam em forma de texto.

O PDF é um dos formatos mais utilizados e pertence à empresa Adobe. Para ler neste formato é necessário um aplicativo que pode ser baixado gratuitamente. Existem várias opções e o *Adobe Reader*, *Foxit Reader* e o *Sumatra PDF* estão entre elas.

O *Electronic Publication* ou Publicação Eletrônica (ePUB) é um formato comparado ao MP3, de música, só que para livros digitais, porém não possui a proteção de *Digital Right Management* (DRM). Os aplicativos para esta extensão são o *FBReader* e o *Digital Editions*, da Adobe. Este último, além de permitir a leitura de livros digitais, é uma espécie de gerenciador de *e-books*, organiza os livros em prateleiras e também lê arquivos PDF.

A *Kindle*, *e-reader* da Amazon, utiliza o formato AZW, utilizados nos livros comercializados por esta organização. Já os formatos PRC/PDB são utilizados nos dispositivos Palm.

2.2.3 Equipamentos para Leitura Digital

Atualmente, os livros digitais podem ser lidos em diversos equipamentos eletrônicos, tais como: computador pessoal, *smartphones*, *tablets*, *PDAs* ou *e-readers* (leitores digitais). Porém, os leitores digitais são equipamentos eletrônicos específicos para a leitura de *e-books*, eles têm um sistema operacional básico que permite armazenar uma pequena biblioteca digital.

Os leitores digitais são os suportes eletrônicos para a leitura digital. Para Santos (2010, p.23): “Conceitua-se, desta, forma, o suporte eletrônico como um componente físico capaz de reproduzir informações virtuais/digitais através do processamento de dados (informática)”, e complementa, “Desta forma, o suporte eletrônico é o instrumento físico capaz de reproduzir a imagem das palavras, através do monitor do computador, do *display* do celular ou *smartphone* e, mais

recentemente, dos *e-readers* que propiciam a visualização da escrita.” (Ibidem, p. 24).

O computador foi o primeiro meio usado para a leitura digital, no começo da década de 90. Nesta época, o conteúdo digitalizado era distribuído em CD-ROM. No ano de 1993, o primeiro livro digitalizado, ‘Do assassinato considerado como uma das belas artes’, de Thomas de Quincey, foi lançado e o primeiro programa específico para leitura também data deste mesmo ano. Cinquenta títulos foram digitalizados e novos conteúdos foram disponibilizados na internet, ainda em 1993. Em 1995, a Amazon inicia sua venda de livros digitalizados pela internet. Os primeiros dispositivos para leitura de livros digitais aparecem em 1998. São eles o *Rocket ebook* e o *Softbook*. Livros em inglês começaram a ser vendidos em *sites* especializados no ano seguinte. A Amazon lança seu equipamento próprio – o Kindle. O primeiro modelo tem *display* de 6 polegadas e escala de cinza de quatro níveis. Com 250 MB de memória interna, o aparelho armazena cerca de 200 títulos sem ilustrações. Esta capacidade pode ser ampliada por meio de um cartão SD. O aparelho foi disponibilizado somente nos Estados Unidos e substituído pela segunda geração, lançada em fevereiro de 2009. Nesta segunda geração, o *display* passou a ter 16 níveis de escala de cinza, maior aproveitamento de bateria, atualização de páginas mais rápida, opção de *text-to-speech* (ou seja, leitura do texto em voz alta) e espessura reduzida para 9 milímetros. A memória saltou para 2 GB, aumentando a capacidade para cerca de 1500 livros sem imagens. No entanto, a segunda geração do Kindle não suporta cartão SD.

Mesmo com o Kindle 2 ainda como uma novidade, a Amazon anunciou, em maio de 2009, a terceira geração do dispositivo: o Kindle DX. O leitor apresentou uma série de novidades, entre elas: a orientação das páginas é alterada automaticamente conforme a posição do dispositivo nas mãos do leitor; a espessura foi novamente reduzida, desta vez para 8.5 milímetros; a memória aumentou para 4 GB (equivalente a cerca de 3500 títulos sem ilustrações); o *display* antirreflexo e com suporte à tinta eletrônica tem 9.7 polegadas e resolução de 1200x824 *pixels*; a bateria dura até quatro dias com conexão sem fio ou duas semanas *off-line*. O Kindle DX tem suporte nativo a arquivos PDF, caixas de som estéreo e segunda opção de conexão *WiFi*, quando a conexão padrão não estiver disponível.

Os leitores digitais, por terem sido criados para este fim, agregam várias tecnologias desenvolvidas para dar conforto e praticidade à leitura digital. Sua tela monocromática, apresentando imagens em tons de cinza, propicia um conteúdo

nítido e claro e permite ler, inclusive, ao sol. Quanto mais tons, mais nítidas são as imagens. O tamanho e o peso também são grandes atrativos, pois apesar de um *e-reader* ter tamanho semelhante ao de um *tablet* seu peso é inferior; enquanto que o *tablet* pesa pouco mais de 300 gramas, um *e-reader* pesa em torno de 200 gramas. O *e-reader*, no entanto, apresenta vantagens e desvantagens.

Como vantagens têm-se:

- a) permite que o usuário leve uma biblioteca para onde quiser, sem ter de carregar dezenas de livros para baixo e para cima;
- b) possibilita fazer anotações e associá-las a páginas dos livros sem o ônus de rabiscos comuns em anotações nos livros de papel;
- c) apresenta a possibilidade de variar o tamanho e tipo de fonte dos textos, o que facilita a leitura para quem tem problemas de visão;
- d) os textos podem conter *hiperlinks* para outras páginas ou mesmo para conteúdos externos. As figuras presentes nos livros podem ser trocadas por animações e vídeos;
- e) o preço dos livros tende a ser menor que as versões impressas, pois não há os custos de impressão e logística para colocá-los nas prateleiras;
- f) a compra do livro pode ser *on-line* e o *download* direto no PC ou mesmo no leitor;
- g) favorece a questão ecológica, pois não existe a necessidade de papel.

Por outro lado, suas desvantagens são:

- a) apesar de economizar papel, existe o custo com a energia elétrica, pois os equipamentos precisam ser constantemente carregados e, sem baterias, não há como acessar o conteúdo dos livros;
- b) o tamanho da tela também pode ser um problema. Um grande dilema dos fabricantes é fazer um dispositivo extremamente portátil com a maior tela possível;
- c) o fator segurança é apontado como um inibidor para o uso. Muitas pessoas não têm coragem de usar este tipo de equipamento em um ônibus, por exemplo, sem ter medo de serem roubadas.

Além das vantagens e desvantagens enumeradas no parágrafo anterior, a opinião de Pedro Anastácio, fundador do *site* Revolução Digital, um entusiasta da leitura digital e que se declara satisfeito com seu novo *e-reader*, mostra o quão

prazeroso pode ser o ato de ler através deste novo suporte. Para ele as dez vantagens deste tipo de equipamento seriam:

1 – Portabilidade - O meu leitor de livros digitais é pequeno e leve. Consigo andar com ele um pouco por todo o lado sem acrescentar demasiado peso à minha mochila. Por isso mesmo ando com ele para onde quer que vá e sempre que surgem 5 minutos livres acabo por ler mais umas páginas.

2 – Capacidade de Armazenamento e autonomia - Lembrem-se do tempo da escola? E do fardo que era andar com quatro ou cinco livros às costas? O meu leitor de livros digitais tem 1GB de memória interna que me permite andar com mais de 1.000 livros sempre comigo. E se não for suficiente ainda posso meter um cartão microSD para ter mais espaço (esta funcionalidade depende dos leitores). Além disso uma única carga de bateria dá-me para ler durante quase um mês!

3 – Leitura facilitada - O reduzido peso do leitor de livros digitais faz com que possa colocá-lo na melhor posição para a leitura. O tipo de ecrã utilizado, pela sua natureza, é também muito agradável de ler e não tem qualquer tipo de problema em ser utilizado na rua, mesmo com muito sol. O cansaço visual é equivalente ao que temos ao ler um livro em papel. Além disso é também bastante fácil tirar notas e sublinhar partes interessantes. Depois basta exportar os nossos apontamentos, o que nos pode ajudar na elaboração de resumos.

4 – Poupança de espaço - Um dos fatores que me fez comprar o meu leitor de livros digitais era a crescente falta de espaço para armazenar os meus livros: já não tinha quase onde os por! Com um leitor de livros digitais temos a nossa biblioteca toda num dispositivo que mal se nota na prateleira.

5 – Ler e comer - Uma das coisas que mais me acontece é ter de almoçar sozinho. Ler é por isso uma excelente companhia mas um livro em papel é muito chato pois tem tendência a fechar-se sozinho ou a mudar de página se tiver muito vento. Com um leitor de livros digitais tudo isso desaparece e é muito fácil ler enquanto comemos!

6 – Nunca me perco na leitura - Nos livros em papel a utilização de um marcador de páginas é essencial. O problema é quando, por exemplo, o nosso filho acha piada a tirar os marcadores do sítio: drama! Temos de andar a procurar onde estávamos... Com o meu leitor de e-books consigo estar a ler vários livros ao mesmo tempo e ainda assim manter o meu progresso bem definido e voltar sempre à página onde tinha abandonado a leitura.

7 – Livros de graça - Outra grande vantagem é o fato de com um leitor de livros digitais termos acesso a uma vasta coleção de livros gratuitos, muitos deles no domínio público. Em tempos de crise podermos ler alguns clássicos sem ter de pagar é muito bem vindo e acaba por nos fazer amortizar rapidamente o valor dado pelo leitor. Até porque neste capítulo, e mesmo tendo de pagar pelos livros, um e-book costuma ser mais barato do que o seu equivalente em papel o que ajuda ainda mais a poupar uns trocos.

8 – Entrega imediata - Com os livros digitais já não precisamos de ter de nos deslocar à livraria para podermos comprar o livro que queremos. Pode parecer uma afirmação muito sedentária, mas a verdade é que dá muito jeito podermos, a qualquer hora do dia (ou da noite), visitar os vários *sites* que vendem ou distribuem livros digitais e comprarmos um livro que nos apetece ou precisamos. E o melhor é que o livro é entregue sem demoras e podemos começar a ler imediatamente a seguir à compra, no conforto do nosso sofá!

9 – Aprofundamento de línguas estrangeiras - Pessoalmente sempre li muito noutras línguas que não o português (principalmente em inglês e francês). Mas por vezes sentia-me perdido com alguma palavra e ter de ir buscar um dicionário era desanimador. Os leitores de livros digitais permitem termos no próprio dispositivo, dicionários de várias línguas assim como dicionários de

tradução. Com eles nunca mais fiquei sem saber o que determinada palavra queria dizer e consigo aprofundar o meu conhecimento de outras línguas!

10 – Privacidade - Esta poderá talvez ser a vantagem menos óbvia. Mas a verdade é que nem sempre nos apetece ler grandes e eruditos autores. E há quem se possa sentir constrangido por satisfazer a curiosidade e ler livros como as 50 tons de cinza nos transportes públicos. Com um leitor de livros digitais podemos ler o que quisermos, com o tema que quisermos que ninguém conseguirá espreitar o livro que estamos a ler. Os nossos prazeres proibidos ficam só para nós.

Uma vantagem de bônus - Há ainda outra vantagem no uso de livros eletrônicos: estamos a ajudar a proteger as florestas do nosso planeta pois deixamos de precisar de utilizar tanto papel! Este é um lado ecológico que irá agradar a quem se preocupa com o ambiente. (ANASTÁCIO, 2013, documento eletrônico não paginado).

Além dos aparelhos já citados, outros servem ao mesmo fim. Entre eles convém citar:

- a) o Personal Digital Assistant (PDA), que é um dispositivo eletrônico que agrega algumas funções de computador, telefone celular, tocador de música e câmara. Pode ser usado para exibir texto em sua tela, sendo por isto considerado um leitor digital, porém sem recursos específicos de exibição;
- b) os *smartphones* (telefones inteligentes), que são aparelhos celulares que agregam várias funções. Apesar de suas características de *hardware* e *software* serem básicas, sua capacidade deve-se ao fato de poder conectar-se às redes de dados via internet e também sincronizarem seus dados com um computador pessoal. Suas funcionalidades são semelhantes ao de um PDA. Os *smartphones* mais completos são o iOS da Apple e os da linha Samsung Galaxy;
- c) o *tablet*, semelhante ao leitor digital no tamanho, porém oferece diversas funções que o transformam em um computador pessoal como o *desktop*, o *notebook* ou *netbook* com a vantagem de ser leve e fácil de transportar. Possui conexão *Wi-Fi* (sem fios) e alguns usam conexão 3G (permite telefonia móvel de longo alcance e acesso à internet em alta velocidade). Sua tela é colorida o que o torna atrativo. O *tablet* suporta diversos formatos de arquivos o que facilita na hora de comprar livros digitais. O leitor não fica atrelado a uma única livraria/formato.

Na avaliação entre usar um *e-reader* ou utilizar outro tipo de equipamento para leitura digital, algumas pessoas consideram o fato do *e-reader* ser monofunção uma desvantagem com relação ao *tablet*, porém outras pessoas veem isto como uma vantagem, pois contribui para menor dispersão na hora da leitura evitando que o leitor fique 'viajando' na internet.

O mercado de aparelhos para leitura digital está em expansão. Com isto, já se pode contar com alguns modelos diferenciados. Alguns destes passam aqui a ser descritos.

Positivo Alfa (Figura 2) é um leitor eletrônico de livros, com tela de 6 polegadas, *touchscreen* (com toques na tela, para mudar a página e realizar muitas outras funções), *Wi-Fi* (conexão sem fio, que permite acessar a livraria *on-line* favorita, comprar e baixar livros através da rede), 2GB de memória interna (comporta até 1.500 livros) e dicionário integrado (Dicionário Aurélio) que permite a definição instantânea de palavras, sem interromper a leitura. Possui tecnologia *e-paper* (permite ler mesmo no sol, sem cansar a vista, possui ajuste para o tamanho das letras), bateria recarregável de longa duração (até 10.000 mudanças de página sem que a bateria acabe). Sendo mais leve que um livro, mais fino que uma revista, possibilita levar os livros digitais para todo lugar, sem cansar. O Positivo Alfa pesa 240 g e tem 8,9 mm de espessura. Seu teclado virtual permite marcar os trechos preferidos e fazer anotações. É distribuído pela Positivo Informática



Figura 2: *E-reader* Positivo Alfa.
Fonte: *site* Livraria Saraiva (2013)

Kindle com *Wi-Fi* (Figura 3) usa uma tela de tinta eletrônica que permite uma experiência de leitura como no papel. A tela fosca reflete a luz como se fosse uma folha de papel e não utiliza luz de fundo, permitindo ler tanto debaixo do sol quanto no conforto de uma sala. Ao contrário de telas de *tablets*, o aparelho não tem reflexo. Comporta mais de mil *e-books* e pesa 170 gramas, mais fino que um lápis (menos de um centímetro de espessura). Sua bateria tem autonomia para trinta dias (não precisa de energia para manter uma página de texto, permitindo que o leitor leia por até um mês com única carga, considerando meia hora de leitura por dia com *Wi-Fi* desligado). Possui dicionário para pesquisa instantânea (inclui gratuitamente dicionários em português brasileiro, inglês, espanhol, francês, italiano e alemão) e, ao selecionar a palavra com o cursor, sua definição é automaticamente exibida na

parte inferior da tela. O teclado virtual permite fazer anotações no texto, como se estivesse escrevendo nas margens de um livro. Como os *e-books* são digitais, permitem editar, deletar e exportar as anotações. Também é possível destacar passagens e fazer marcações para visitar depois. Dotado de um recurso que lembra sempre da última página lida, libera o leitor de anotar onde parou. Os números de páginas de um *eBook* Kindle são sincronizados com seu correspondente livro impresso. Oferece o *backup* de biblioteca gratuito, os dados ficam armazenados na nuvem e permite que os livros sejam baixados a qualquer momento, sem custo. A nitidez do texto dá-se em função das partículas de tinta reais feitas a mão para criar páginas nítidas, com um tipo de impressão semelhante ao de um livro. Os ajustes de tipos e tamanhos de fontes permitem alterações em oito tamanhos diferentes do texto, de acordo com as preferências de leitura. Os três estilos de fonte foram desenhadas à mão para oferecer a melhor experiência de leitura. Possui suporte a línguas estrangeiras: cirílico (russo); japonês; chinês (tradicional e simplificado); coreano; além de caracteres do latim e do grego. Permite, ainda, acesso a diversos dicionários internacionais. Vem com um aplicativo que possibilita aos pais liberar ou restringir o acesso ao conteúdo da Loja Kindle, aos itens arquivados e ao navegador experimental. Suporta os formatos: Kindle (.AZW, .AZW1, .AZW3). Text (.TXT), Mobipocket sem DRM (.MOBI, .PRC).

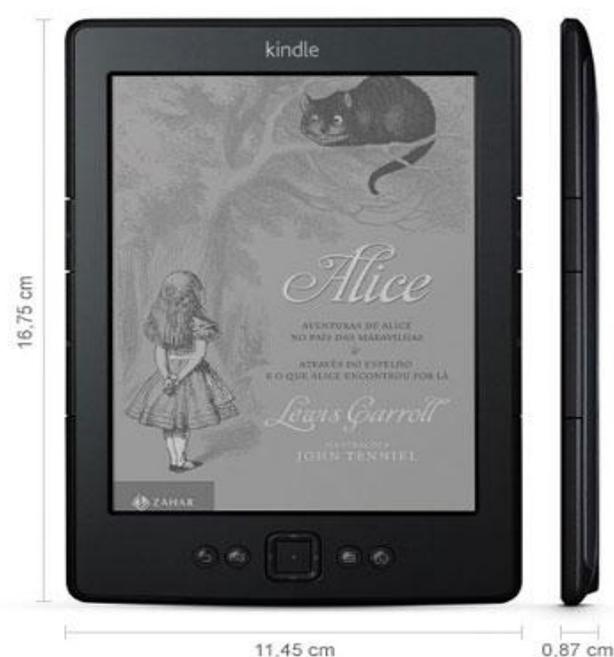


Figura 3: E-reader Kindle com Wi-Fi.
Fonte: Site Mercado Aberto (2013)

Família Kobo - a Livraria Cultura possui quatro aparelhos para leitura digital, todos da linha Kobo: Kobo Aura, Kobo Glo, Kobo Touch e Kobo Mini.

O **Kobo Aura HD E-Ink** (Figura 4) foi o modelo lançado em 2013. Conta com tela de 6,8 polegadas, podendo ser considerada a maior do mercado neste formato. Possui tecnologia *Pearl E-Ink*, que oferece uma superfície de leitura até 30% maior, resultando em uma experiência mais próxima à versão do papel. Com processador de 1 GHz e um HD de 4 GB de espaço para armazenamento, permite armazenar até três mil *e-books* (expansível até 32 GB, para um armazenamento de até trinta mil *e-books*). A bateria é outro destaque e, segundo o fabricante, a duração é de até dois meses. O aparelho oferece tecnologia *ClarityScreen+* que permite uma experiência de leitura com extrema nitidez, clara e sem reflexo. A tinta eletrônica proporciona um nível superior de clareza. Dotado de uma luz frontal (*ComfortLight*), que ilumina a página, ao invés de emitir luz em direção ao rosto do leitor, o que facilita a leitura em qualquer condição de luminosidade. Uniforme e ajustável, permite a leitura em ambientes com pouca luz, com conforto e clareza. Possui 24 tamanhos de fonte e 10 estilos com as configurações de espessura e nitidez ajustáveis. Pesa 240 gramas e suporta os formatos de publicação EPUB, PDF e MOBI, de imagens JPEG, GIF, PNG, e TIFF, de texto TXT, HTML, XHTML e RTF e de quadrinhos CBZ e CBR.



Figura 4: Kobo Aura HD *E-ink*
Fonte: Site Livraria Cultura (2013)

O **Kobo Touch** é o aparelho mais simples e antigo que o Kobo Aura. Lançado em 2012, com peso menor, 185 gramas, altura de 11,4 cm, largura de 16,5 cm,

espessura de 1 cm, com capacidade de armazenamento de até mil *e-books*. A bateria tem autonomia para 30 dias e com suporte para os mesmos formatos que o seu irmão mais velho.

O **Kobo Glo** possui tela de 6 polegadas e resolução de 1024X758, altura de 11,4 cm, largura de 15,7 cm e espessura de 1cm. Demais configurações iguais ao Kobo Touch.

Já o **Kobo Mini** é o menor da família. Pesa apenas 134 gramas e uma tela de 5 polegadas, altura de 10,2 cm, largura de 13,3 cm e 1 cm de espessura. Todas as demais configurações são iguais ao Kobo Touch e ao Kobo Glo.

Sony Digital Paper (Figura 5) - A Sony anunciou um aparelho a ser lançado em março de 2014 denominado *Digital Paper*, voltado para as universidades como substituto do papel comum. O aparelho será flexível, com menos de 7 mm de espessura e pesando 358 gramas, com tela de 13,3 polegadas (tamanho de uma folha A4, sem margens), com conexão *Wi-Fi*, 4GB de memória interna e a possibilidade de aumento de memória através de cartão microSD. A fabricante japonesa afirma que o novo aparelho é feito para imitar papel de verdade e que por isto terá um conjunto de recursos menor do que os *tablets* e *e-readers* atuais. O único formato aceito será o PDF, porém permitirá a criação de arquivos e também a adição de notas e marcações em documentos existentes. O *Digital Paper* vem equipado com uma caneta *stylus* que fica presa na parte lateral e sua bateria terá capacidade para 21 horas de uso contínuo. A resolução da tela terá 1.200 x 1.660 *pixels*, com capacidade de exibir 16 tons de cinza.



Figura 5: *Digital Paper* da Sony.
Fonte: IDG News Service / EUA (2013).

As marcas e os modelos citados estão entre os mais vendidos, porém o mercado oferece outras opções: Cybook Odyssey e Cybook Ocean da Bookeen, Nook HD, iRiver Story HD, Energy Sistem, W860, Cover Story EB05 – Qualicable, ELGIN ER-7001.

Os *e-readers* vem para facilitar a leitura digital e prometem, a cada inovação, novas possibilidades, confortos e facilidades que atraem e cativam um número crescente de usuários aumentando, conseqüentemente, o número de *e-books* comercializados a cada ano, de acordo com as pesquisas recentes.

Este novo formato de leitura que está provocando inúmeras mudanças na vida do leitor necessita de proteção e regras que garantam a sua sobrevivência. A lei dos direitos autorais, aplicável aos livros impressos, precisa adaptar-se a este novo suporte para que o autor, as editoras e os usuários possam usufruir das vantagens que o livro eletrônico proporciona, sem que haja prejuízo para nenhuma das partes.

2.2.4 Direitos Autorais

Propriedade Intelectual é o conjunto de criações e interpretações desenvolvidas pelos seres humanos.

Dentro deste ramo inovativo da ciência jurídica emerge o Direito do Autor como resposta às reivindicações de criadores de obras intelectuais que, desde tempos imemorais, já expandiam e espalhavam seu pensamento através de seu poder de expressão, tornando, dessa forma, o conhecimento acessível a todos. (LANGE, 1996, p.11).

E Chartier (1999, p.67) complementa:

Na prática da comunidade dos livreiros e gráficos de Londres, considerava-se que o objeto da propriedade, do *copyright*, era o manuscrito da obra que o livreiro tinha depositado e registrado. Este manuscrito devia ser transformado em livro impresso, mas ele continuava sendo o fundamento, a garantia e o objeto mesmo sobre o qual se aplicava o conceito de *right in copies*, isto é, do direito sobre o exemplar, direito sobre o objeto.

Desde o início da imprensa já havia a preocupação com os direitos do autor. O plágio era considerado uma ilegalidade (a contrafação), porém, no início, era tolerado. Com o tempo os editores, para evitar o prejuízo de ficar com seu estoque

encalhado, uma vez que as obras piratas eram mais baratas, procuraram obter garantia de exclusividade do governo ou de qualquer autoridade para publicar suas obras.

No século XV, os privilégios foram concedidos para os editores italianos e no século seguinte, os editores franceses e alemães também se beneficiaram com a garantia de exclusividade. Porém, os privilégios eram concedidos aos editores que mantinham amizade com autoridades ou funcionários do governo, gerando assim distorções. Nesta época, os direitos eram concedidos aos editores, não aos autores da obra. Como o privilégio só valia no país de origem, não impedia que a obra fosse publicada no país vizinho, o que permitiu que a contrafação continuasse a existir.

O direito do autor levou 300 anos, desde a invenção da imprensa, para começar a se impor. No início, o autor sentia-se envergonhado em vender sua obra. Os exemplares, que recebia após a impressão, eram enviados a pessoas abastadas ou ligadas ao poder, na esperança de receber privilégios, favores e, também, algum retorno financeiro.

A primeira lei de direito do autor surgiu na Inglaterra, em 10 de abril de 1710 e foi denominada de *Lei da Rainha Ana da Inglaterra*. Por meio desta lei, ao autor era dada a exclusividade para impressão e reimpressão. Para as reimpressões a lei determinava um período de vinte e um anos e para a impressão de títulos inéditos o período era de 14 anos, renováveis por mais 14 anos, se o autor requeresse. A partir desta lei, inúmeros países incluíram a matéria em suas constituições nacionais, criaram leis e decretos que determinavam que o monopólio da exploração da obra pertencia ao seu criador, o autor.

Posteriormente, foram realizadas várias convenções internacionais sobre a proteção das obras. Ocorreram ainda tratados bilaterais de reciprocidade e acordos internacionais entre grupos de países. Lange cita que

[...] através das Organizações Internacionais, como – Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) – e outros tratados e convenções, a tendência é de se uniformizar a legislação internacional de Direito do Autor e Direitos Conexos, de modo a tornar-se cada vez mais efetiva a proteção de seus titulares. (1996, p.16).

Ao que Serra acrescenta:

A legislação mundial foi criada em uma época analógica e necessita de ajustes com os suportes, sua utilização e distribuição. Isto tem sido feito, porém é um processo moroso. Este tem sido um dos maiores entraves dos projetos de implantação de bibliotecas digitais. (2013, documento *on-line*).

Lange contribui explanando que a doutrina destaca dois aspectos importantes do Direito do Autor: o lado moral e o lado patrimonial. “Pode-se dizer, portanto, que o Direito do Autor é o ramo da propriedade intelectual que tutela os criadores de obras oriundas do espírito humano, tanto sob o carácter patrimonial como extrapatrimonial.” (1996, p.18).

No que tange ao Direito Moral, corresponde ao direito do autor defender sua obra como se a mesma fosse um atributo da sua própria personalidade já que é uma emanção de suas divagações e pensamentos compartilhados com os demais. As características do Direito Moral citadas por Lange são: direito pessoal, irrenunciável, imprescritível, inalienável, impenhorável e extrapatrimonial.

Quanto ao Direito Patrimonial determina que o autor receba remuneração pela comercialização de suas obras. O que pode ser feito pelo próprio autor, ou por outrem desde que devidamente autorizado. Neste caso, o Direito Patrimonial permite alienação e a penhora.

Quanto às formas de exploração pode-se citar: Direito de Reprodução; Direito de Distribuição e Direito de Comunicação ao Público. Todas as formas de exploração das obras dependem de autorização do autor e conseqüentemente que o mesmo receba a remuneração devida pelo seu uso ou divulgação.

As violações são os atos realizados por terceiros, que vão contra a proteção dos direitos do autor e são passíveis de punição. As violações com relação ao aspecto moral ou patrimonial podem ser: contrafação; reprodução; imitação literária; usurpação da personalidade do autor; suplantação da personalidade do autor; utilização abusiva; plágio e pirataria.

As medidas utilizadas para inibir as violações podem ser cíveis, administrativas e penais, que podem ser aplicadas de forma concomitante, subsequente ou ainda isoladas.

O avanço das tecnologias permitiu a criação e o armazenamento da informação no formato digital e, conseqüentemente, incrementou a produção intelectual, provocou um grande impacto na área da educação, da informação e do entretenimento. Porém, este avanço dificultou o controle dos direitos autorais. Com relação a isto Lange afirma: “Toda a maneira de se organizar a produção, a propaganda, venda, distribuição de produtos tem sofrido mutações.” (1996, p. 103).

As mutações ocorridas provocaram a necessidade de se fazer uma revisão na lei do Direito do Autor para que sejam efetuadas adaptações com a finalidade de atualizar e adaptá-la a nova realidade, inserindo o formato digital a legislação.

A tecnologia permitiu muitas mudanças nas obras digitais que são impraticáveis nas obras físicas, tais como mesclar texto, som, animação e *links* em um livro e isso dificulta a classificação de uma obra. Com relação a isso, Costa pondera:

Já surgem dúvidas sobre como classificar as obras produzidas a partir das estratégias narrativas abertas pelas novas tecnologias. Seriam livros ou alguma forma nova, que conviverá em separado com o mercado editorial tradicional? Assim como a fotografia não é pintura, mas toda uma nova linguagem, produzida a partir de uma nova tecnologia, estaríamos diante de uma nova arte? (2011, p.125).

Este novo formato provoca dúvidas quanto à maneira com que será enquadrado na lei do direito autoral. Apesar do contínuo esforço em adaptar a lei aos novos formatos, a evolução da tecnologia se faz com tal rapidez que acompanhar as mudanças e as novas possibilidades de se produzir e disseminar a informação exige um constante acompanhamento por parte dos interessados, sejam eles legisladores, autores, divulgadores ou simplesmente usuários.

Na legislação existente foram feitas adaptações no sentido de incluir as produções intelectuais criadas ou transformadas em meio digital. Estes atos jurídicos determinam as condições de venda e uso das obras e visam a proteção do direito do autor, no sentido de que sua obra não seja alterada ou copiada sem sua autorização prévia e, ainda, garante que receba os dividendos e os créditos da venda e uso da mesma. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, capítulo I artigo 5º, inciso XXVII dispõe que “[...] aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;” (BRASIL, 1988, documento eletrônico não paginado). A Constituição é clara quanto ao direito do autor de dispor de sua obra da maneira que melhor lhe convenha. Ao autor pertence o direito de publicá-la ou mantê-la inédita, fazer atualizações ou não, publicar somente na forma impressa ou também em meio digital.

A Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998, que se refere aos direitos autorais, considera, no seu artigo 5º: “I - publicação - o oferecimento de obra literária, artística ou científica ao conhecimento do público, com o consentimento do

autor, ou de qualquer outro titular de direito de autor, por qualquer forma ou processo.” (BRASIL, 1998, documento eletrônico não paginado). Desta forma, a Lei descreve o significado do termo publicação e que a mesma depende da autorização do autor ou de pessoa ou entidade civil por ele autorizada para que seja divulgada ao público.

Ainda com relação aos direitos do autor, a lei reforça no capítulo III, que trata Dos Direitos Patrimoniais do Autor e de sua Duração, no Art. 29, que depende de autorização prévia e expressa do autor a utilização da obra, por quaisquer modalidades, tais como:

VII - a distribuição para oferta de obras ou produções mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra ou produção para percebê-la em um tempo e lugar previamente determinados por quem formula a demanda, e nos casos em que o acesso às obras ou produções se faça por qualquer sistema que importe em pagamento pelo usuário. (BRASIL, 1998, documento eletrônico não paginado).

Apesar do respaldo da lei que determina o direito do autor em dispor de sua obra como melhor lhe convier e ainda, o direito de receber dividendos pela sua produção, inclusive as obras em formato digital, sabe-se que em meio digital o controle é muito difícil de ser realizado, o que inibe a aplicação da lei em proteger as produções intelectuais vinculadas à tecnologia. Com isto, a pirataria e a impunidade prevalecem. Tentando buscar formas de evitar estas ações ilegais, o mercado editorial criou maneiras de conceder permissões que variam entre acesso livre e controle de limite de acesso. Três destas formas se destacam: *Digital Right Management* – DRM (gerenciamento de direitos autorais), *Copyleft* (licença de uso), e *Creative Commons* (licença geral pública). O DRM permite limitar o acesso, a cópia e a impressão do material. A proteção é feita através da tecnologia, usando a criptografia para impedir que o usuário realize operações pelas quais não pagou. Através do DRM é possível impedir que se faça: a alteração do original; cópias piratas; impressão, quando a aquisição foi somente para leitura; e, ainda, permite o controle das cópias vendidas.

Já o *copyleft* é uma licença que permite que uma obra seja utilizada, difundida e modificada, porém exige que o produto gerado através desta obra também seja livre, ou seja, mantenha as mesmas permissões que o original. O motivo dos autores aplicarem *copyleft* as suas obras é o interesse de que mais

peessoas, num processo continuado, possam contribuir com alterações e melhoramentos para o aperfeiçoamento de seus trabalhos.

O *Creative Commons* é a licença que permite compartilhar a propriedade intelectual na qual o autor abdica de alguns direitos, permitindo que sejam utilizadas, recombinaadas e divulgadas suas obras. Os níveis de permissão podem variar de acordo com o interesse do detentor do direito e são aplicáveis ao licenciamento e à distribuição de conteúdos culturais em geral (textos, músicas, imagens, filmes e outros).

Apesar de haver estas formas de proteção, ainda há muita discussão sobre o assunto e as leis dos países em geral ainda não dão a proteção necessária e suficiente à produção intelectual em meio digital. Porém existe o empenho em buscar soluções eficazes para que haja um consenso que beneficie tanto o autor como os usuários.

2.2.5 Os Nativos Digitais e as Gerações X, Y e Z

Para complementar o entendimento sobre o livro e a leitura digital é importante fazer uma breve explanação sobre as pessoas, enquanto personagens da atual sociedade da informação e do conhecimento, na qual dois perfis se destacam: o do nativo digital e o do imigrante digital. Um nativo digital é aquele que nasceu durante ou após a introdução generalizada das tecnologias digitais e, através da interação com a tecnologia digital a partir de tenra idade, tem maior compreensão de seus conceitos.

Já um imigrante digital é o indivíduo que nasceu antes da existência da tecnologia e a adotou, em certa medida, mais tarde na vida.

Em uma entrevista a Gomes, o autor da expressão 'imigrantes digitais', Marc Prensky, define nativos e imigrantes digitais da seguinte forma:

Nativos digitais são aqueles que cresceram cercados por tecnologias digitais. Para eles, a tecnologia analógica de século 20 – como câmeras de vídeo, telefones com fio, informação não conectada (livros, por exemplo), internet discada- é velha. Os nativos digitais cresceram com a tecnologia digital e usaram isso brincando, por isso não têm medo dela, a veem como um aliado. Já os imigrantes digitais são os que chegaram à tecnologia digital

mais tarde na vida e, por isso, precisaram se adaptar. (PRENSKY⁷ 2011 *apud* GOMES, documento eletrônico não paginado).

Prensky (2011, *apud* Gomes) complementa sua fala dizendo que os imigrantes digitais têm dificuldade em deixar antigos métodos para trás (imprimir e-mails ou não usar a internet como primeira fonte, por exemplo) e considera esta distinção mais cultural e de atitude.

O termo Geração X, Y e Z é usado para definir gerações tecnológicas, no que se refere a humanos. Quanto mais para o final do alfabeto, mais ligado à tecnologia, mais conectado, mais multitarefa. O termo é usado também como conceito sociológico e define pessoas que nasceram em épocas nas quais a tecnologia estava em diferentes patamares.

A Geração X, também chamada de 'imigrantes digitais', segundo definições do *site* Geração XYZ, diz respeito aos que nasceram no final dos anos 60 e hoje são cinquentões, filhos dos *Baby Boomers* que são da geração pós Segunda Guerra Mundial e assim denominados em função da explosão populacional – *Baby Boom* em inglês. A Geração X é uma geração que transformou vários paradigmas. Algumas mudanças, a partir dessa geração, são: sexo antes do casamento; viver sem uma religião; contestar regras de uma maneira geral.

A Geração Y corresponde aos nascidos nos anos 80 e que se encontram, atualmente, na faixa dos 30 anos, pertencem ao grupo 'nativos digitais' e foi criada com todo o tipo de aparato tecnológico consequentemente não consegue imaginar como era a vida sem micro-ondas, celular, TV a cabo, computador, internet. São ávidos por inovações e trocam de televisão, celular e computador sempre que algo novo chega ao mercado. Consideram a tecnologia como fator determinante para seu sucesso profissional. Cresceram em meio a muitas atividades e tarefas múltiplas que desenvolvem com naturalidade, deixando as pessoas, da geração anterior, incrédulas quanto ao seu poder de fazer várias coisas ao mesmo tempo. São mais preocupados com a ecologia e os problemas sociais. Têm urgência em viver, querem tudo para ontem. Os produtos tecnológicos usados por esta geração agregam muitas funções que são usadas todas ao mesmo tempo. Acesso à internet para pesquisa, uso de mensagens para se comunicar com os amigos, ligação para casa para avisar que estão bem, tiram fotos e produzem filmes que são postados

⁷ Marc Prensky é um escritor americano e palestrante sobre aprendizagem e educação. Conhecido como o inventor e divulgador dos termos 'nativo digital' e 'imigrante digital'.

instantaneamente no *Facebook*, no *Twitter* e no *Flickr*, tudo isto a partir de um único aparelho.

Segundo uma pesquisa realizada pela Telefonica e pelo jornal britânico *Financial Times*, os jovens da geração Y da América Latina e dos EUA costumam ficar conectados sete horas por dia, já na Europa este numero reduz-se para cinco horas por dia (PATRIOTA, 2013).

Estudos americanos constataram que quem convive com ferramentas virtuais desde que nasce desenvolve um sistema cognitivo diferente. São mais rápidos e considerados multitarefas. São comparados a celulares de última geração, pois vêm equipados com tecnologia *wireless*, conceito de mobilidade e capacidade de convergência (LOIOLA, 2009, documento eletrônico).

Darnton (2010, p. 13) complementa Loiola quando cita que:

Uma geração 'nascida digital' está 'sempre ligada', conversando por celulares em toda parte, digitando mensagens instantâneas e participando de redes virtuais ou reais. As pessoas mais jovens que passam por você na rua, ou que sentam no seu lado no ônibus, ao mesmo tempo estão ali e não estão. [...] Parecem funcionar de maneira diferente dos mais velhos, cuja orientação em relação à máquina surge de outra zona do subconsciente. Gerações mais velhas aprenderam a sintonizar girando botões em busca de canais; gerações mais jovens alternam canais de imediato, apertando um botão. A diferença entre girar e alternar pode parecer trivial, mas deriva de reflexos localizados em áreas profundas da memória cinética.

A Geração Z compõe-se dos nascidos na década de 90 em diante. Esta geração confunde-se um pouco com a geração Y e sua característica principal é estarem conectados constantemente através de dispositivos portáteis. A maioria dos nascidos desta geração ainda não entrou para o mercado de trabalho. Observa-se que seu comportamento é individualista e um pouco antissocial, valorizam mais os contatos virtuais em detrimento ao contato familiar. São excêntricos e imediatistas não tendo paciência com as dificuldades dos mais velhos em relação à tecnologia. Em função disto existe a apreensão de que venham a ter problemas quando do seu início profissional uma vez que o mercado exige a habilidade de trabalho em equipe.

A diferença existente entre as várias gerações tecnológicas impõe dificuldades no aprendizado, pois existe um descompasso entre professores, que são imigrantes digitais em sua maioria, e os alunos, com predominância dos nativos digitais. Porém, esta divisão entre nativos e imigrantes digitais não depende somente da idade. A dificuldade de acesso às tecnologias, por exemplo, é um fator limitador

criando, assim, a figura dos excluídos digitalmente que podem estar em qualquer faixa etária.

2.2.6 As Editoras, as Bibliotecas e os Livros Eletrônicos

O uso de *e-books* em bibliotecas nos Estados Unidos já é comum, porém aqui no Brasil o mercado está iniciando o contato com este recurso. Serra, em uma recente entrevista ao *site* Monitoria Científica da FESPSP, cita que:

Problemas foram observados com a entrada destes suportes em bibliotecas públicas decorrentes de restrições de fornecedores. A ALA (*American Library Association*) vem negociando com as editoras condições mais favoráveis para que as bibliotecas públicas possam adquirir *e-books* e ofertá-los aos usuários. Estas ações beneficiarão todos os tipos de bibliotecas, conquistando melhores condições de aquisição e acesso. (2013, documento eletrônico não paginado).

A autora comenta que na Europa, embora as discussões também aconteçam, não estão tão avançadas como nos EUA.

A campanha *E-books in libraries*, comandada pela EBLIDA, publicou recentemente o documento *The right to e-read: an e-book policy for libraries in Europe* (O direito de ler digitalmente: uma política de *e-books* em bibliotecas da Europa) onde aponta as dificuldades enfrentadas, as questões de direitos autorais, a resistência dos fornecedores em vender *e-books* às bibliotecas, os impactos no controle das obras pertencentes aos acervos, etc. (2013, documento eletrônico não paginado).

As mesmas dificuldades, relatadas por Serra (2013), se repetem no Brasil onde ainda não existe uma política para venda, aquisição, administração e disponibilização dos *e-books* em bibliotecas.

Serra também comenta sobre a relação futura das bibliotecas com os demais envolvidos no comércio livreiro:

A relação das bibliotecas com editores, distribuidores, fornecedores em geral será completamente alterada com os *e-books*, a começar que a biblioteca não é mais a proprietária de uma obra, mas detém uma licença de uso. De acordo com a aquisição que foi feita, esta licença deve ser renovada periodicamente. O objeto digital não fica necessariamente sob a guarda da biblioteca e seu acesso é realizado mediante plataforma proprietária. Se não bastasse, o bibliotecário perde autonomia na curadoria

do acervo, assim como o controle das obras que farão parte da coleção. (2013, documento eletrônico não paginado).

Neste sentido, ela aconselha que o bibliotecário fique atento às mudanças e ao negociar a aquisição de *e-books* procure as melhores condições que venham ao encontro das necessidades da comunidade assistida.

Entende-se que os *e-books* em bibliotecas trarão muitas mudanças na maneira de sua gestão. Serão novos serviços de empréstimo, novos critérios de aquisição, de descarte. Estas mudanças irão influenciar vários setores, tais como: aquisição; desenvolvimento de coleções; acesso e sistemas. A atividade do bibliotecário sofrerá um grande impacto, aumentando as atividades de gestão. Serra adverte que o bibliotecário ao negociar com os diversos fornecedores vai se envolver

[...] analisando a existência de obras concorrentes, ROI, curadoria do acervo, seleção de obras, inclusão e padrão de qualidade dos metadados nos OPACs, utilização do espaço físico que antes era ocupado pelas estantes, capacitação da equipe e dos usuários para utilização dos dispositivos móveis de leitura etc. (2013, *on-line*).

Além disso, será necessário um controle orçamentário rigoroso, pois o investimento para manutenção dos acervos será constante, renovando assinaturas, licenças de uso, utilização de plataformas. Quanto à forma de acesso há a necessidade de definir a permissão monousuário ou simultâneo o que altera o valor da aquisição ou assinatura, impactando no orçamento. Na parte dos sistemas, eles devem permitir a gestão dos metadados e o empréstimo digital (*e-lending*), de forma a atender ao usuário de acordo com cada modalidade contratada. Todas essas mudanças provocam no bibliotecário a necessidade de atualização e de interação com este novo formato. Haverá uma grande mudança nas atividades tradicionais estabelecidas.

As bibliotecas são repositórios do saber humano nas quais o objeto predominante é o livro, porém abarcam vários outros formatos de informação tais como mapas, CD's, DVD's, dicionários, enciclopédias e agora precisam se adaptar para receber o livro digital que promete revolucionar a maneira de ler e armazenar a informação.

Chartier (1999, p.117) relata:

Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais. Confrontadas com a ambição de uma biblioteca onde estivessem

todos os textos e todos os livros, as coleções reunidas por príncipes ou por particulares são apenas uma imagem mutilada e decepcionante da ordem do saber. O contraste foi sentido como uma intensa frustração. Esta levou à constituição de acervos imensos, à vontade das conquistas e confiscos, a paixões bibliófilas e à herança de porções consideráveis do patrimônio escrito. Ela inspirou, igualmente, a compilação dessas 'bibliotecas sem paredes' que são os catálogos, as coletâneas e coleções que se pretendem paliativos à impossibilidade da universalidade, oferecendo ao leitor inventários e antologias. Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar. Pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável.

As bibliotecas existem desde a Antiguidade tendo exercido diferentes papéis, inclusive o de servir à contemplação, independente de sua função de ser uma guardiã da informação e do conhecimento porém, na atualidade, a biblioteca, além de ser um organismo que serve à contemplação, deve servir também de suporte para que o usuário alcance a informação necessária para satisfazer sua necessidade de atualização, estudo ou simples curiosidade.

O eterno objetivo da biblioteca, em se tornar o guardião do saber universal, hoje se torna possível com o auxílio das TIC, que facilitam a guarda e o acesso à informação digital, independente do lugar em que esteja armazenada, através de redes informáticas conectadas, que possibilitam a troca de informações idealizada por várias gerações. O saber acumulado está cada vez mais acessível a um número de usuários que cresce rapidamente na proporção que as TIC são democratizadas. Esse acesso à informação, por sua vez, gera mais conhecimento aumentando de forma exponencial o conhecimento e a informação.

A respeito do livro eletrônico e sua inserção nas bibliotecas, Serra (2012, p.483) coloca que

[...] o advento do livro eletrônico – *e-book* – mostra-se como uma realidade concreta e sem retorno. A agilidade de identificação, localização e disponibilização das obras através da internet permite ao bibliotecário derrubar as paredes da biblioteca e prover aos usuários uma realidade diferente da estabelecida até o momento, com publicações acessíveis através de um clique, independente de horário de funcionamento, fuso horário ou localização geográfica do usuário ou da biblioteca. Os livros eletrônicos estão mudando radicalmente a realidade das bibliotecas e sua inclusão nos acervos deve ser pensada na forma de somar forças com o mercado editorial, garantindo a permanência dos negócios e cumprindo com sua função original: de preservação de publicações e acesso ao público.

No Brasil ainda são raras as bibliotecas que estão com *e-books* em seus acervos e, conseqüentemente, falta experiência tanto por parte das editoras, como das livrarias e ainda das bibliotecas para lidar com a administração dos livros digitais. Por outro lado, as bibliotecas de outros países, que já estão familiarizadas com o *e-book* inserido em seus acervos utilizam-se da assinatura, do *pay-per-view* e da compra permanente como forma de aquisição.

No caso das bibliotecas acadêmicas, sabe-se que estas têm por finalidade atender ao usuário que busca a informação para a construção de seu conhecimento nos campos de ensino, pesquisa e extensão e, conseqüentemente, não podem ficar de fora deste processo que promete facilitar o acesso à informação. Necessitam disponibilizar material adequado, em quantidade suficiente e que atenda às necessidades da comunidade usuária. Com o desenvolvimento das TIC, adaptar a biblioteca e os funcionários para a disponibilização dos novos materiais e tecnologias digitais é imperativo. Incorporar o livro eletrônico ao acervo passa a ser obrigatório e, com isto, a biblioteca também irá fomentar a leitura digital, ainda considerada por muitos como um obstáculo pela dificuldade que algumas pessoas têm em lidar com as TIC.

Santos (2002, p. 12) comenta:

Junto à sólida formação cultural, as transformações em curso exigem da escola uma ampla abertura no horizonte dos conhecimentos com os quais trabalha, para propiciar aos alunos as novidades científico-tecnológicas que possam favorecer a compreensão deles da realidade em que estão inseridos e, conseqüentemente, do exercício de sua cidadania. Isso requer compromisso com a elaboração de conteúdos de ensino e com propostas pedagógicas condizentes, que estejam voltadas ao desenvolvimento de relações crítico construtivas da escola com sua comunidade e com o mundo.

E completa:

Considerando que o conhecimento científico e tecnológico ocupa um lugar de destaque nos processos de manutenção ou de transformação das relações sociais, econômicas, políticas e culturais, o acesso a esse saber e, sobretudo, o seu domínio representam uma das formas de poder e, portanto, de inclusão na sociedade contemporânea. (SANTOS, 2002, p. 13).

Para poder propiciar as novidades científico-tecnológicas que venham fomentar o desenvolvimento de relações crítico construtivas nos alunos, as escolas e as universidades devem se aliar à biblioteca que, por sua vez, precisa estar alinhada

com as propostas pedagógicas e prover o material que contemple os conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, possibilitando ao usuário esclarecer suas dúvidas e aprofundar seus conhecimentos, de acordo com sua necessidade e interesse. Agindo assim, a biblioteca pode comprovar sua relevância na parceria com a escola, a universidade e a comunidade, na tarefa de estimular e desenvolver o interesse dos alunos pelo saber e, através dessa premissa, aumentar sua compreensão da realidade, propiciando o empoderamento da sua condição de cidadão comprometido com o desenvolvimento de sua vida, sua localidade e seu país.

Esta investigação entendeu que seria importante verificar a questão do livro e da leitura digital na Biblioteca Elyseu Paglioli – BIBENG, da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por conhecer seu constante empenho em, juntamente com a instituição a que pertence, manter a qualidade de ensino aos seus alunos, mostrando que está comprometida com a sociedade ao manter atualizado seu acervo e investir no oferecimento de serviços diferenciados. Dentre estes, o mais recente é a disponibilização de um serviço de ponta: o fornecimento de *e-readers* e *ebooks* aos seus usuários.

3. METODOLOGIA

A metodologia se compõe das abordagens e técnicas que são usadas para se atingir o objetivo. A metodologia proposta pode ser considerada quali-quantitativa, caracterizando-se como uma pesquisa aplicada, de cunho exploratório, utilizando o método de estudo de caso.

A pesquisa exploratória permite que o pesquisador se familiarize com o problema proposto e que construa hipóteses em cima de seus achados, tentando encontrar soluções para auxiliar na resolução do problema. Ela é especialmente indicada para este trabalho em razão de o mesmo ter o caráter inovador já que a Biblioteca da Escola de Engenharia da UFRGS – BIBENG – será a primeira biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a implantar o sistema de fornecimento de *e-books*, juntamente com os aparelhos leitores para os empréstimos de livros acadêmicos e de lazer.

Já a abordagem quantitativa foi usada para a coleta dos dados que foram recolhidos através da aplicação de questionário.

Para Silva e Menezes (2001, p.20) pesquisa quantitativa

[...] considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

Os dados quantitativos subsidiaram, também, a análise das informações de cunho qualitativo, também coletadas através do questionário e de observações e contatos feitos na biblioteca em questão.

3.1 MÉTODO DE PESQUISA

O método adotado foi o estudo de caso considerado, nessa situação, o mais adequado pelas características que a investigação proposta apresenta e sustentado pelas colocações de Yin e Ventura. Yin (2010, p. 24) entende que “[...] como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao

nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados [...]” e complementa “[...] a) as questões ”como” ou ”por que” são propostas; b) o investigador tem pouco controle sobre os eventos; c) o enfoque está sobre um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real. “(YIN, 2010, p. 22).

Ventura (2007, p.2) contribui com estas colocações ao afirmar que

[...] o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.

Yin (2010) ainda acrescenta que o estudo de caso permite que os pesquisadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real.

Na presente pesquisa, o estudo de caso, realizado na BIBENG, foi importante por seu caráter inovador, já que será a primeira biblioteca do sistema SBUFRGS, a implantar o empréstimo de *e-book* juntamente com o *e-reader*.

3.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário. Para Silva e Menezes (2001, p.33), o

[...] questionário é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, o questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções, as instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento.

Gil (2006, p.2) define questionário

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

O questionário, para que represente a realidade que se quer observar, precisa ser objetivo e com instruções claras sobre o seu preenchimento. Os objetivos da pesquisa também devem ser expostos aos respondentes para que decidam se querem ou não participar da mesma.

As perguntas do questionário podem ser: abertas: “Qual é a sua opinião?”; fechadas: estas podem conter duas escolhas: sim ou não; de múltiplas escolhas: fechadas com uma série de respostas possíveis (SILVA, MENEZES, 2001)

Como vantagens citadas por Gil (2006) têm-se: a possibilidade de atingir um grande número de pessoas; seu custo é reduzido por dispensar treinamento de pessoal; a garantia do anonimato do entrevistado pode ser assegurada; a possibilidade do respondente determinar o momento mais oportuno para dedicar-se à pesquisa; e a não exposição dos entrevistados à influência por parte do entrevistador. O mesmo autor observa que o questionário apresenta algumas limitações, tais como: a exclusão de pessoas que não sabem ler e escrever; impede auxílio ao informante quando o mesmo tem dúvidas; nem todas as pessoas devolvem o questionário preenchido corretamente, o que pode comprometer a pesquisa; depende da interpretação individual sobre as questões, gerando assim dados sem consistência.

No caso desta pesquisa o questionário, com treze questões, foi elaborado com a colaboração da equipe da biblioteca da Escola de Engenharia, com o intuito de revelar: como os usuários vêem a questão do empréstimo de *e-books*; a frequência com que utilizam fontes em meio digital; sua preferência entre o digital e o impresso; as vantagens e desvantagens dos *e-books*; se fazem uso da leitura digital em seus estudos acadêmicos ou para lazer; se costumam baixar livros digitais gratuitos; se têm o hábito de comprar *e-books*; se possuem seu próprio aparelho leitor de *e-books*; quais *sites* e portais utilizam para ler ou fazer *download* de livros digitais; que usos pretendem dar aos aparelhos leitores além de ler os *e-books*; qual tempo mais apropriado para os empréstimos; que sugestões e recomendações eles teriam para contribuir com esse novo sistema que será implantado brevemente. Pretendeu-se, com isto, conhecer as expectativas dos alunos diante desta nova realidade, bem como quais suas preferências no momento da leitura acadêmica.

Sua aplicação deu-se nos dias 27, 28 e 29 de agosto de 2013, nas salas de estudo e nos espaços para uso individual da BIBENG. À medida que os alunos chegavam, eram abordados e solicitados a responderem ao questionário. Recebiam as instruções sobre o tipo de pesquisa que estava sendo realizada, os objetivos e a

quantidade de questões. Foi esclarecido, ainda, que os respondentes não seriam identificados individualmente. Os alunos foram receptivos e a maioria ficou entusiasmada com a iniciativa da BIBENG em implantar o sistema de empréstimo de *e-books* e *e-readers* para beneficiar seus usuários.

3.3 ESCOLA DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL E BIBLIOTECA ELYSEU PAGLIOLI – BIBENG

O objeto da investigação foi a Biblioteca Elyseu Paglioli – BIBENG, da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁸. A Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi criada em 1896, sendo uma das mais antigas faculdades desta Universidade. Em sua longa história, já graduou mais de 13.500 engenheiros. A cada ano são, em média, cerca de 500 a 600 novos formandos. A escola oferece 13 cursos de graduação e, em 2012, estavam matriculados 3730 alunos. Possibilita aos seus alunos a mobilidade acadêmica, o que dá a oportunidade de participação em programas de intercâmbio e dupla-diplomação no exterior. Oferece, ainda, Programa de Pós-Graduação, com cursos de mestrado acadêmico e profissionalizante e doutorado.

No estatuto de criação da Escola de Engenharia da UFRGS já estava determinada a instalação de uma biblioteca para complementar o ensino. No ano seguinte, 1897, foi inaugurada na Escola o que foi chamado de Biblioteca Central, com duas estantes envidraçadas que continham 215 volumes de livros científicos resultantes de doações. No início, somente os professores podiam retirar livros por empréstimos por um período não superior a três dias. Em 1960, a Biblioteca mudou-se para o prédio recém construído e passou a ser denominada Biblioteca Elyseu Paglioli, em homenagem ao então Reitor desta Universidade. Entre 1970 e 1972, a Biblioteca Central da Escola de Engenharia foi unificada com as bibliotecas especiais que continham pequenas coleções bibliográficas formando uma única sede. Ainda nesta época passou a integrar o Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBUFRGS), juntamente com as demais bibliotecas setoriais existentes. Em 1974, parte de sua coleção relativa à computação foi transferida para o Centro de Processamento de Dados da UFRGS, situado no andar térreo da Escola de

⁸ Dados obtidos com a Bibliotecária-Chefe da Biblioteca Elyseu Paglioli.

Engenharia, onde iria atender o Curso de Pós-Graduação em Ciência da Computação. Este acervo serviu para o início da Biblioteca do Instituto de Informática.

O acervo da Biblioteca Elyseu Paglioli, cresceu, tornou-se mais especializado passando a ser dividido em duas seções: Seção de Livros, encarregada também dos folhetos, dissertações e teses; e Seção de Periódicos, responsável igualmente por catálogos de cursos, catálogos industriais e normas técnicas.

A Biblioteca Central e o Centro de Processamento de Dados da UFRGS desenvolveram o Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi) em 1989. O SBUFRGS é pioneiro no sul do País em informatização de bibliotecas, apresentando, inicialmente, pequena parte dos catálogos visíveis apenas nas bibliotecas setoriais que os originaram, disponibilizando serviço de correio eletrônico e acesso a bases bibliográficas internacionais via discada (modem). Com a modernização de seus instrumentos de trabalho e técnicas de ação na década de 90, passou a disponibilizar seu catálogo bibliográfico *on-line*, através do SABi, estando disponível também na internet. O novo sistema é implantado na Biblioteca, iniciando uma nova fase.

A BIBENG tem como visão: “Ser centro de referência e excelência na gestão e disseminação da informação técnica e científica nas áreas de Engenharia e impulsionar a inovação, a pesquisa e a aprendizagem, aproveitando os recursos disponibilizados pelas novas tecnologias.” Seu quadro funcional compõe-se de uma bibliotecária-chefe, nove bibliotecários, seis assistentes administrativos e dois bolsistas. No ano de 2012 foram 2.975 usuários habilitados, ou seja, usuários que costumam frequentar a biblioteca, com uma redução de 27% em relação ao ano de 2011. Isto ocorreu em razão da ausência de espaço para estudo e pesquisa devido às obras que ocorriam na Biblioteca.

Entre os serviços por ela oferecidos, o empréstimo de material bibliográfico é o de maior repercussão, mesmo tendo sofrido redução com relação aos anos anteriores em função da reforma - mesmo assim foram 195.970 transações.

A Biblioteca oferece, ainda: normalização de trabalhos acadêmicos; comutação bibliográfica; orientações no uso da Biblioteca aos calouros da graduação e da pós-graduação; levantamentos bibliográficos em bases de dados; auxílio ao usuário no manuseio do SABi; elaboração de fichas catalográficas para publicações acadêmicas.

Atualmente a biblioteca ocupa uma área física de 1300 m², tendo passado por uma reorganização estrutural que privilegia os processos desenvolvidos em detrimento das coleções existentes. A preocupação maior desta unidade de informação é adaptar-se às necessidades e às exigências da comunidade acadêmica. Isto inclui manter um elevado padrão de qualidade nos serviços oferecidos.

Além dos estudantes e professores da Escola de Engenharia, a Biblioteca recebe usuários de outras universidades da região e ainda técnicos e especialistas, oriundos de empresas e indústrias do Estado, interessados na área de Engenharia.

Atualmente, com a necessidade de renovar seu acervo, as limitações que o espaço físico impõe, o objetivo de adaptar-se a nova realidade, proporcionar aos seus usuários um ensino de qualidade e atualizado com as novas tecnologias da leitura digital, a BIBENG prepara-se para a implantação do sistema de empréstimos de *e-books* e aparelhos leitores aos seus usuários. Com esta iniciativa pretende aumentar o número de títulos disponíveis, tanto para complementar os estudos acadêmicos, como para o lazer de seus utentes. Para tanto, a Biblioteca da Escola de Engenharia da UFRGS, está em processo de licitação para a aquisição dos *e-readers* e, tão logo a compra se efetive, iniciará a disponibilização de *e-readers* para o empréstimo de *e-books*, tornando-se pioneira dentre as bibliotecas da UFRGS. Com esta inovação também pretende abrir caminho para que as demais bibliotecas da academia insiram-se nesta nova modalidade de empréstimo.

3.3.1 População e amostra

A população em estudo é a dos alunos matriculados na Escola de Engenharia da UFRGS, que utilizam a biblioteca, na época deste estudo. No ano de 2012, a BIBENG registrou 2.975 usuários habilitados a utilizar seu acervo. Por população considera-se o conjunto de indivíduos sobre os quais se desejam informações. Como, em geral, é muito difícil investigar cada pessoa individualmente, parte-se para o estudo de apenas uma parte da população, isto é, uma amostra (WILD; SEBE, 2000).

Em função do tempo disponível e das condições que a pesquisadora tinha para realizar a pesquisa, foi constituída uma amostra aleatória que constou de 167

usuários, aos quais foram aplicados questionários. O tipo de amostragem que se escolheu foi aquele em que cada item da população tem a mesma chance de ser incluído na amostra (STEVENSON, 2001). Foram estimadas proporções populacionais com 6,2% de margem de erro, com uma confiança de 90%. Por exemplo: uma proporção amostral de 30% pode ser estimada como característica populacional com 6,2% de erro para mais e para menos, com 90% de probabilidade, de certeza. Institutos de pesquisa de grande porte costumam usar margens de erro de 2% e 3,5% e grau de confiança de 95%, haja vista a grande disponibilidade de recursos para a pesquisa.

3.3.2 Perfil da amostra

Dos 167 alunos respondentes, 122 eram do sexo masculino (73%) e 45 do sexo feminino (27%), predominam os representantes do sexo masculino, provavelmente porque o questionário foi aplicado na biblioteca localizada no prédio da Escola de Engenharia, uma área onde ainda a figura masculina tem maior presença. As mulheres estão cada vez mais se aventurando em profissões consideradas 'masculinas', mas nesta área observa-se que seu avanço ainda é tímido. No Gráfico 1 é possível visualizar a diferença quantitativa existente entre os sexos.



Gráfico 1– Sexo.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Os respondentes se situam entre 17 a 39 anos, como é possível visualizar através do Gráfico 2, estão distribuídos em 15 cursos, representando todas as etapas, inclusive com alunos do mestrado e doutorado. Os alunos que se situam na faixa de 20 e 24 anos representam 64,6% dos entrevistados, portanto um público jovem pertencentes à geração Y e Z considerados os nativos digitais segundo Marc Prensky (2011, *apud* Gomes).

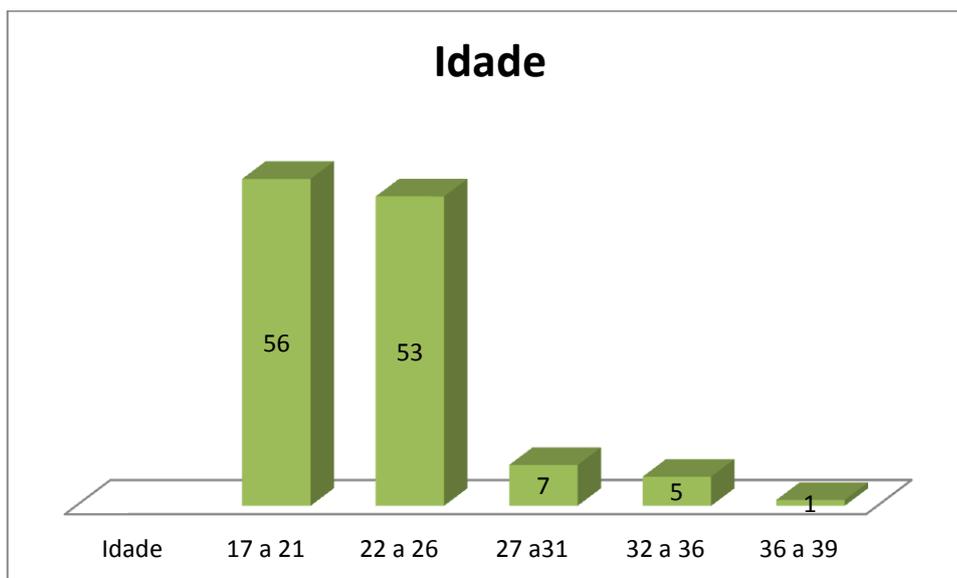


Gráfico 2: Idade.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

No Gráfico 3 observa-se que dos treze cursos que constam do currículo da Escola de Engenharia, apenas o de Engenharia Física não foi representado na pesquisa. Em contrapartida, houve um aluno do curso de Engenharia de Alimentos, um de Arquitetura e Urbanismo e um de Biomedicina que, embora não pertençam à Escola de Engenharia, estavam nas salas de leitura, palco da aplicação dos questionários, e aceitaram participar da pesquisa.

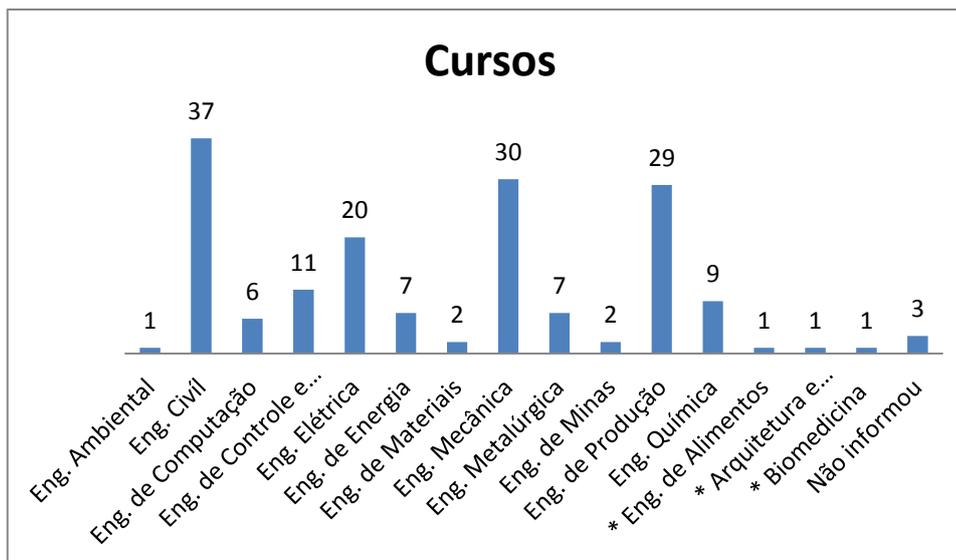


Gráfico 3 – Cursos.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Os cursos de Engenharia Civil, Mecânica e de Produção foram os que tiveram o maior número de representantes, correspondendo a 57,5% da população.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Os dados quantitativos coletados no questionário foram tabulados através do programa Excel e analisados à luz do referencial teórico.

3.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O assunto é relativamente novo e existe uma escassez de trabalhos relacionados o que, conseqüentemente, dificultou a realização do referencial teórico.

4 ANÁLISE E CRÍTICA DOS DADOS

Os dados coletados são, a seguir, apresentados em forma de gráficos e tabelas e analisados à luz do referencial teórico.

Inicialmente apresentam-se as análises relativas a alguns cruzamentos de dados. No cruzamento da pergunta número 1: ‘Com que frequência você faz uso da leitura digital?’ *versus* a pergunta número 2: ‘Faz uso de *e-books* para conteúdos acadêmicos?’, Tabela 4, a maioria (44,9%) utiliza ‘com frequência’ e 16,8% utiliza ‘sempre’, o que representa 61,7% da população pesquisada enquanto que os que responderam que ‘raramente’ 25,7% e ‘nunca’ 12,5% utilizam *e-books* representam 38,2%. Como os alunos entrevistados, conforme pode ser consultado no Gráfico 2: Idade, já apresentado, pertencem à geração dos nativos digitais, ou seja, cresceram com a tecnologia digital e a usam brincando, isto reflete em suas respostas de uso frequente de *e-books*, pois para eles o uso da tecnologia e com ela os *e-books* fazem parte do seu dia-a-dia. O Portal da Capes, ao qual os alunos têm acesso através do *login* e senha, tende a ser um fator que estimula a pesquisa para conteúdos digitais, pois disponibiliza farto material de qualidade e relevância para os acadêmicos, no entanto, observa-se pela pesquisa que uma quantidade muito pequena de alunos o utilizam (apenas 3).

Tabela 4 - Frequência de leitura digital *versus* Frequência de uso de *e-books* para conteúdos acadêmicos.

Frequência de leitura digital	Frequência de uso de <i>e-books</i> para conteúdos acadêmicos				Total
	Sempre	Com frequência	Raramente	Nunca	
Diariamente	8	10	1	4	23
5 ou 6 vezes por semana	2	1	—	—	3
3 ou 4 vezes por semana	1	5	1	—	7
2 vezes por semana	11	40	14	5	70
1 vez por semana	4	17	15	6	42
1 vez por mês	1	—	5	1	7
Raramente	1	0	1	2	4
Outros	0	2	6	3	11
Total	28	75	43	21	167

Fonte: dados da pesquisa (2013)

Para a pergunta número 3: ‘Faz uso de *e-books* para leituras de lazer?’, representado na Tabela (5), as respostas ‘com frequência’ (21,5%) e ‘sempre’ (7,8%)

perfazem 29,3% do total das respostas. Já 45,5% usam ‘raramente’ e 25,1% ‘nunca’ usam.

No cruzamento dos dados sobre a frequência da leitura digital e a frequência de uso de *e-books* para lazer, a Tabela 5 mostra os resultados.

Tabela 5 - Frequência de leitura digital *versus* Frequência de uso de *e-books* para leituras de lazer.

Frequência de leitura digital	Frequência de uso de <i>e-books</i> para leituras de lazer				Total
	Sempre	Com frequência	Raramente	Nunca	
Diariamente	7	2	10	8	27
5 ou 6 vezes por semana	1	1	1	—	3
3 ou 4 vezes por semana	—	2	2	1	5
2 vezes por semana	5	16	35	14	70
1 vez por semana	—	12	18	12	42
1 vez por mês	—	—	6	1	7
Raramente	—	—	1	3	4
Outros	—	3	3	3	9
Total	13	36	76	42	167

Fonte: dados da pesquisa (2013)

Analisando as duas questões anteriores pode-se observar que o uso de *e-books* para conteúdos acadêmicos é superior ao uso para lazer. Enquanto que 61,7% usa ‘sempre’ ou ‘com frequência’ para as leituras acadêmicas, para as leituras de lazer essa porcentagem cai para 29,3%. Com relação às respostas abertas, observa-se que para lazer os jovens preferem: navegar na internet e, principalmente, acessar as redes sociais. Estes são fatores que resultam na queda da porcentagem de uso de leitura digital como forma de lazer.

Com relação à pergunta número 4: ‘Com que periodicidade costuma utilizar fontes de informação em meio digital em seus estudos/pesquisas?’ as respostas ‘Duas vezes na semana’ (46,1%) e ‘Outra opção’ (32,3%) (sendo que todos os alunos que escolheram esta opção relataram que o uso era frequente) representam a maioria, somando 78,4% da população observada. Por outro lado, para a opção quem utiliza as fontes de informação em meio digital ‘uma vez por semana’, correspondeu a 19,7% e quem faz uso ‘uma vez por mês’ representou a minoria (1,8%), conforme demonstrado no Gráfico 4.

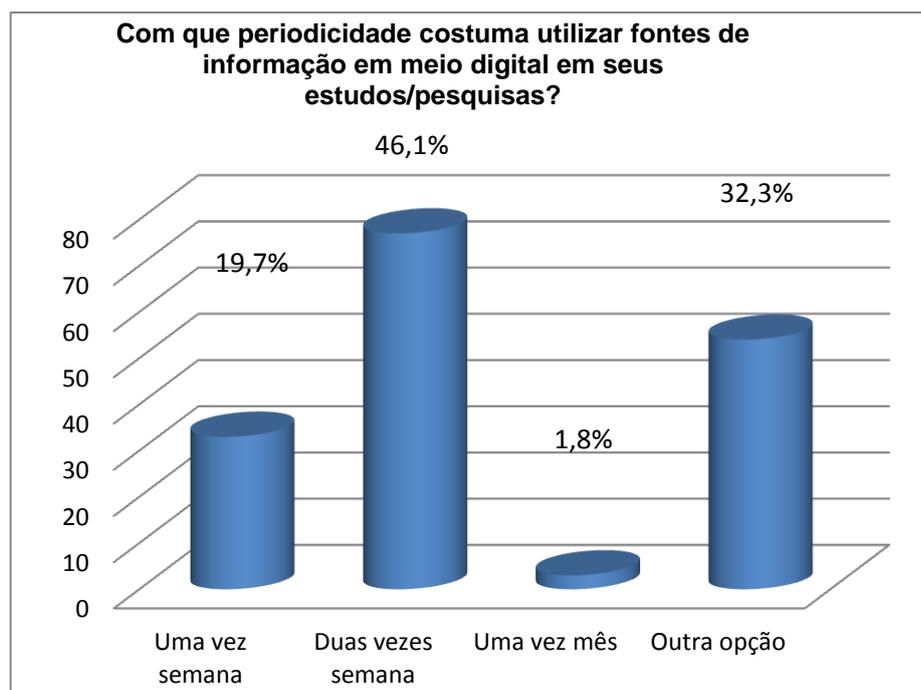


Gráfico 4: Periodicidade do uso de fontes de informação em meio digital.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

O resultado deste questionamento vem ao encontro do que postula Santos (2003), quando comenta que o uso de fontes de informação em meio digital predomina entre os estudantes, em função da nova relação dos alunos com os recursos tecnológicos que através do uso gradativo vivenciam as potencialidades da tecnologia para o aprendizado.

Para a pergunta número 5: 'Costuma baixar livros digitais disponibilizados gratuitamente?', a maioria (79,6%) respondeu que sim e somente 20,3% responderam que não, conforme indicado no Gráfico 5.

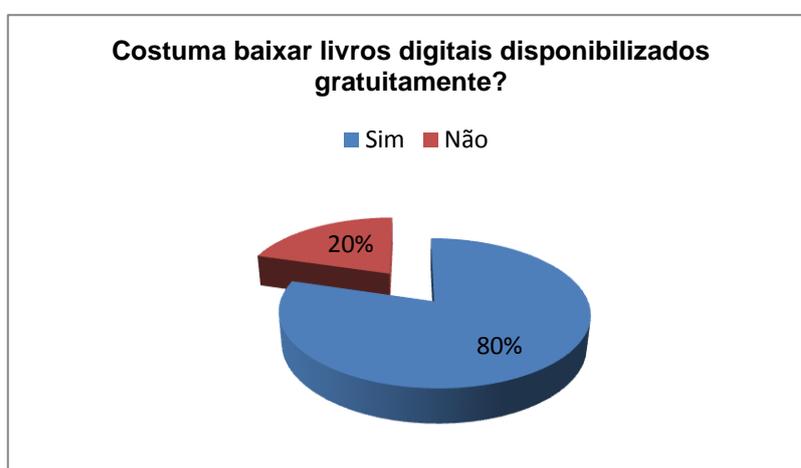


Gráfico 5 – Índice de alunos que fazem *download* de *e-books* gratuitos.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Nesta questão, mais uma vez, fica evidente a intimidade dos jovens com o meio digital, local que, atualmente, a maioria utiliza para aprofundar seus conhecimentos acadêmicos. Segundo Lima⁹ (apud Lima, 2004, p.182) “[...] entende a rede como um espaço singular de investigação diverso e plural, convergente e interdisciplinar enlaçando campos de conhecimentos diferentes e divergentes [...]” que, segundo a mesma autora, “[...] podem garantir a participação das pessoas na internet, ampliando, infinitamente, as possibilidades de sociabilidade e o poder educativo da rede.”(Ibidem, p. 182)

Na questão número 6: ‘Que *sites*/portais você utiliza para ler ou fazer *download* de livros?’, o Gráfico 6 mostra que dos 167 alunos que participaram desta pesquisa, 66 (que corresponde a 39,5% dos respondentes) não responderam qual *site* utilizam para ler ou fazer *download* de livros digitais. Dos 101 que informaram os *sites* utilizados, a maioria não informou um *site* específico, ficando a opção ‘outros’ com 57 marcações. Dos *sites* citados, o GoogleBooks aparece como o mais utilizado, com 33 indicações, seguido pelo *site* Ebah que recebeu 19 indicações. Dos alunos que relacionaram os *sites* que utilizam em suas buscas, vários informaram mais de um *site*.

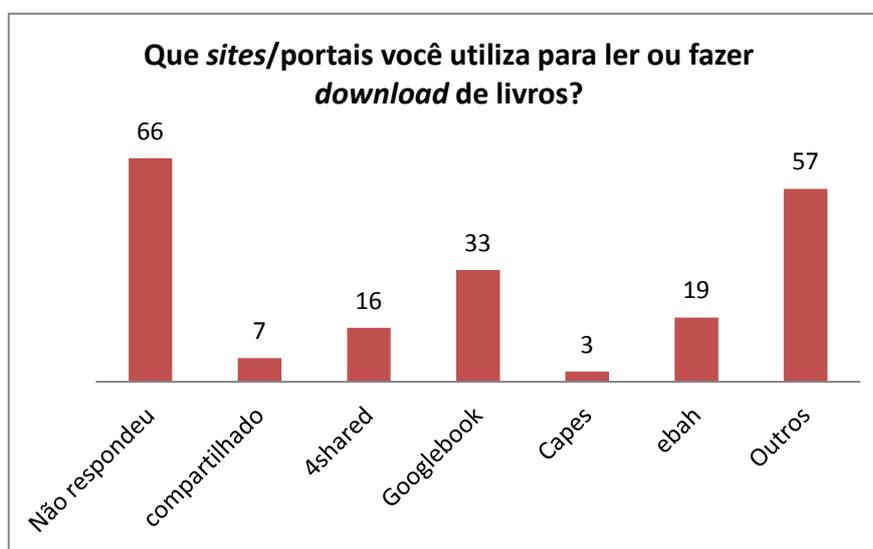


Gráfico 6 - Sites/portais utilizados para ler/fazer *download* de livros.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

A questão número 7: ‘Considera que o livro digital tem vantagens sobre o livro impresso?’, a maioria (83,2%) considera que o livro digital tem vantagens sobre

⁹ LIMA, M. de F. M. **No fio de esperança: políticas públicas de educação e Tecnologias da Informação e da Comunicação.** Tese de Doutorado - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

o livro impresso e somente 16,8% acha que o livro digital não possui vantagens sobre o livro impresso - Gráfico 7.



Gráfico 7 – Vantagem do livro digital *versus* impresso.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Entre as respostas sobre ‘Quais vantagens’ o livro digital possui sobre o impresso as respostas mais frequentes foram: ‘Não ocupa espaço físico’; ‘Praticidade’ e ‘Busca rápida/Acesso facilitado’. Foram relacionadas também as respostas ‘Menos custo’ e ‘Não gasta papel’. Somente nove alunos não responderam a esta questão, o que significa um percentual de 5%.

As vantagens enumeradas pelos alunos - Gráfico 8 estão relacionadas no artigo ‘A era dos livros digitais’ (MORETTI, 2010) que destaca que o preço final do produto tem uma redução em virtude da economia com o papel e a logística e considera, também, a rapidez e a praticidade como diferenciais positivos em relação ao impresso.

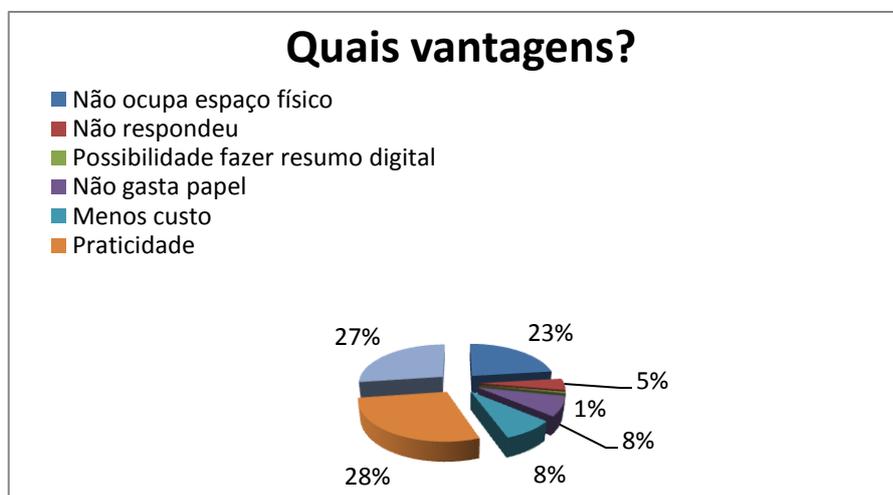


Gráfico 8 – Vantagens do livro digital.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Dos alunos que responderam que **não** consideram que o livro digital tem vantagens, 27 não justificaram sua resposta e apenas um relatou que prefere o impresso.

As respostas refletem a praticidade que o *e-book* proporciona, principalmente em função da busca rápida e do acesso facilitado, que agiliza a pesquisa, o tornam mais atrativo que o impresso. Outra preocupação dos alunos refere-se à economia, devido ao valor do *e-book* em comparação com o impresso, e também na economia do papel, uma vez que as gerações atuais mostram uma preocupação com o meio ambiente que as anteriores não demonstravam.

Para a questão número 8: ‘Considera que o livro digital tem **desvantagens** sobre o livro impresso?’, 120 responderam que ‘sim’ e 45 acham que ‘não’. Somente dois alunos não responderam a esta questão - Gráfico 9.

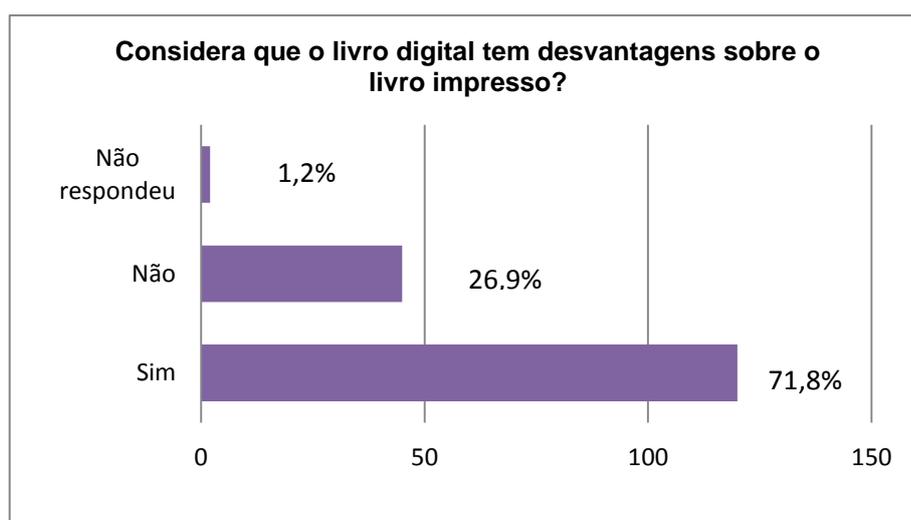


Gráfico 9 – Desvantagens do livro digital *versus* impresso.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Ao descreverem: ‘Quais as desvantagens’, 33 alunos entendem que é cansativo, 28 alunos que sentem mais prazer no livro impresso, 21, queixam-se de que ler livro digital força a visão, 8 alunos relataram que ficam menos concentrados com a leitura digital, 14 alunos alegam a necessidade de um dispositivo específico para a leitura, 12 ressentem-se por não poder riscar, 9 alunos acham que o consumo de energia é considerado uma desvantagem e 16 alunos não responderam a esta questão. Alguns alunos informaram mais de uma opção - Gráfico 10.

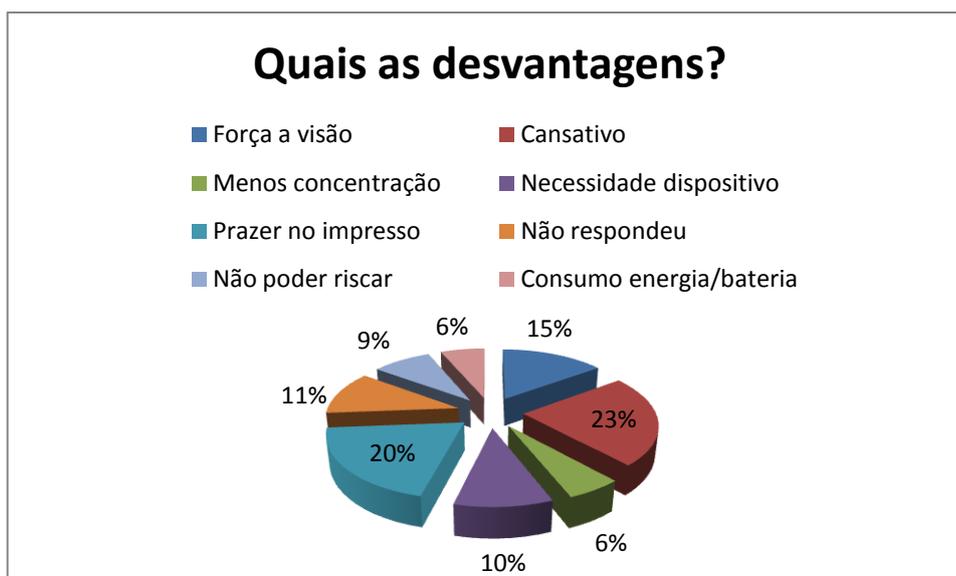


Gráfico – 10 – Desvantagens do livro digital.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Com os atuais aparelhos para a leitura digital, verifica-se que as principais desvantagens citadas ocorrem principalmente pelo desconhecimento das suas funcionalidades, uma vez que já contemplam soluções para a maioria das queixas relacionadas. Kelly (2011) comenta que o que o livro sempre quis foi ser anotado, marcado, sublinhado, ter as pontas de suas páginas dobradas, ser resumido, ganhar referências cruzadas, *hiperlinks*, ser compartilhado e dialogar. O fato de ser digital permite fazer tudo isso e muito mais. Verifica-se que ainda há um grande desconhecimento a respeito da leitura digital, *e-books* e aparelhos leitores, o que provoca avaliações equivocadas com relação ao assunto.

Na questão numero 9, quando questionados se possuíam *e-reader*, a maioria (84%) informou que não. Somente 16% afirmaram que sim - Gráfico 11.

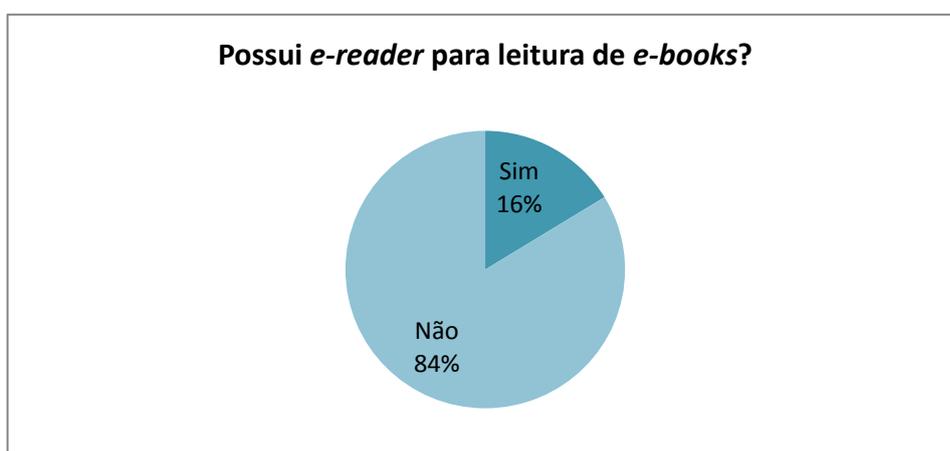


Gráfico 11 – Alunos que possuem *e-reader*.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Convém aqui atentar para a Figura 1: ‘*E-book* e livros digitais- Quem já ouviu falar ou já leu um livro digital’, da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que pode ser consultada na página 39, e que mostra que 70% dos entrevistados nunca ouviu falar em livro digital. Na academia não é tão diferente desta realidade. Vários alunos, quando receberam informações sobre a pesquisa e seus objetivos, perguntaram: ‘O que é *e-reader*?’ Se isto acontece no âmbito da academia, em meio a um público jovem, elitizado, em um estado como o Rio Grande do Sul, que se destaca por ser intelectualizado e ter um nível cultural maior que vários outros estados brasileiros, o resultado da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil não deveria surpreender.

Na questão número 10, questionados se já haviam comprado livro digital - Gráfico 12, 17,3% disseram que sim, 82% responderam que não e somente um aluno não respondeu a esta questão.

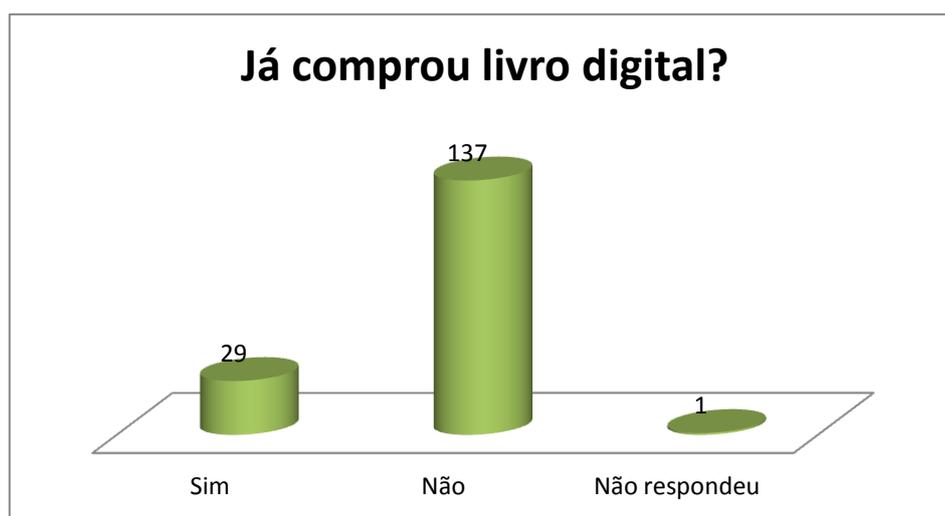


Gráfico 12 - Porcentagem de alunos que compraram livro digital.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

O resultado desta questão não surpreende, pelo fato de a maioria não possuir *e-reader* (84%) e considerar que ler *e-book* no computador ou outro aparelho, que não o específico, é cansativo e desconfortável.

Na questão número 11: ‘Que usos você pretende dar para os *e-readers* que serão disponibilizados pela BIBENG?’, a grande maioria (150) disse que para ‘Ler os *e-books* emprestados pela biblioteca’, 52 alunos afirmaram que irão ‘Acessar conteúdos na internet’, 18 irão ‘Acessar as redes sociais’, 8 ‘Assistir filmes e clipes musicais’ e 10 alunos afirmaram que não vão usar os *e-readers*. Nesta questão alguns alunos marcaram mais de uma opção - Gráfico 13.

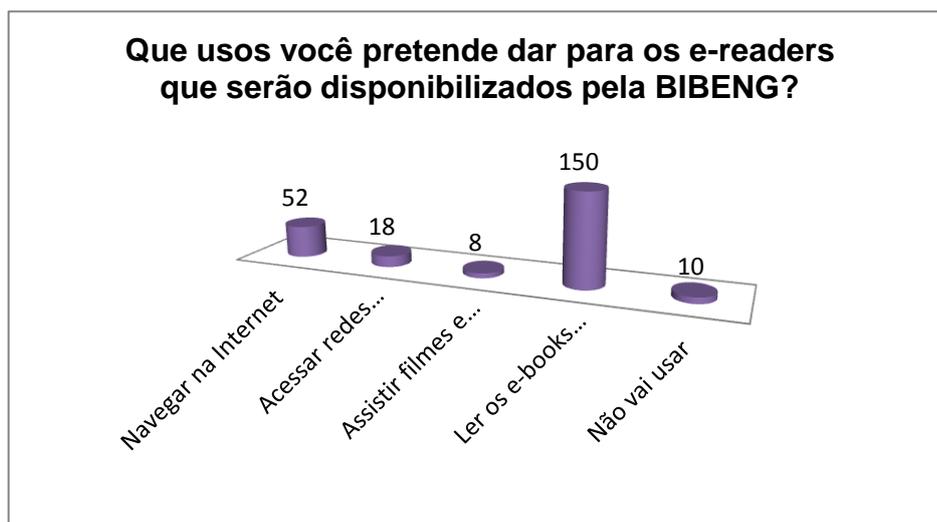


Gráfico 13 – Possíveis usos para os aparelhos leitores.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Aqui, além de mostrar que a maioria irá usar os *e-readers* para a leitura dos *e-books* fornecidos pela BIBENG, é possível observar também que reforça a questão da frequência com que usam a leitura digital para conteúdos acadêmicos (representado na tabela 4) no qual 61,7% dos respondentes informaram que a utilizam ‘com frequência’ e ‘sempre’.

Na questão número 13 quando perguntados: ‘Se, em sua atividade acadêmica existe um título digital e exemplares impressos na biblioteca, qual deles você prefere?’: a maioria prefere o título impresso (59,3%), somente 37,4% preferem o digital, 4,2% usam os dois formatos e 1,8% não responderam - Gráfico 14.

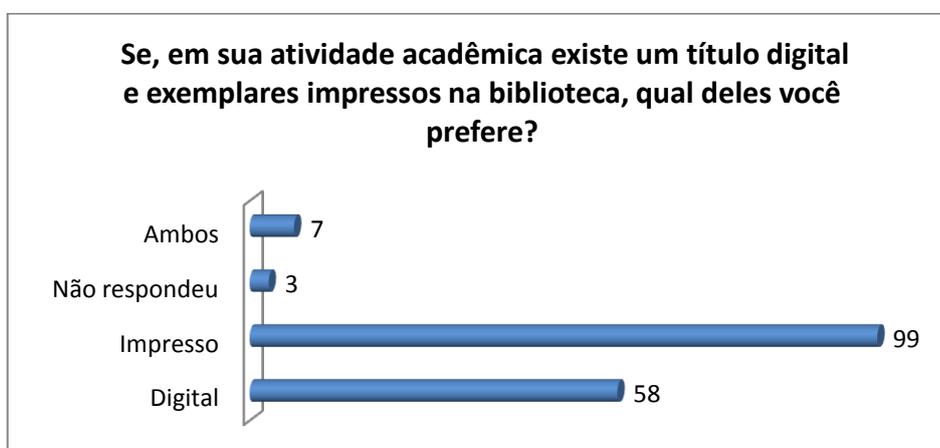


Gráfico 14 – Preferência entre impresso e digital.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Goulemot (1996), anteriormente citado, explica que cada época elabora seus modelos e códigos narrativos e que num mesmo momento coexistem vários códigos atrelados aos vários grupos culturais. Ele ainda complementa: “A posse dos códigos que os regem permite a leitura.” Então, a cada mudança de formato ou suporte o leitor necessita adaptar-se, criar novas habilidades para se adequar às alterações criadas. Como a leitura digital, os *e-books* e os *e-readers* são relativamente novos no Brasil, essa resistência é facilmente compreendida. Porém, com o esforço das editoras, livrarias e bibliotecas, unidas para fornecer um serviço de qualidade aos seus leitores, esse quadro poderá ser revertido brevemente, já que as vantagens da leitura digital devem ser comprovadas e assimiladas, vencendo resistências, semelhante ao que aconteceu com o livro impresso em relação ao manuscrito.

Na pergunta, ainda relacionada à questão número 13: ‘Por que digital?’ - Gráfico 15 a praticidade aparece como questão principal para o uso do livro digital. Seja pelo fato de poder levar vários livros em um suporte que pesa em média 200 gramas e cabe na mochila/bolsa, ou ainda, pela rapidez de acessar o(s) livro(s) e localizar o(s) assunto(s) desejado(s) os alunos demonstram que a vida exige que o ser humano seja prático e racional, pois a informação é considerada o capital ativo de maior valor na sociedade atual e, portanto, tem que ser assimilada, guardada e estar disponível quando se faz necessária. Os *e-books* e os conteúdos digitais proporcionam estas vantagens consideradas de extrema importância no mundo globalizado. As respostas ‘mais exemplares’; ‘portabilidade’ e ‘rapidez’, que obtiveram respectivamente 5, 5 e 8 indicações podem se considerar que também estão contempladas no quesito praticidade, reafirmando o que foi posto.



Gráfico 15 – Motivos da preferência pelo *e-book*.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

E na pergunta também relacionada com a questão número 13: ‘Por quê impresso?’ - Gráfico 16. Nesta questão 31,8% dos alunos consideram o livro impresso mais prático e 26,3% o preferem pelo hábito.

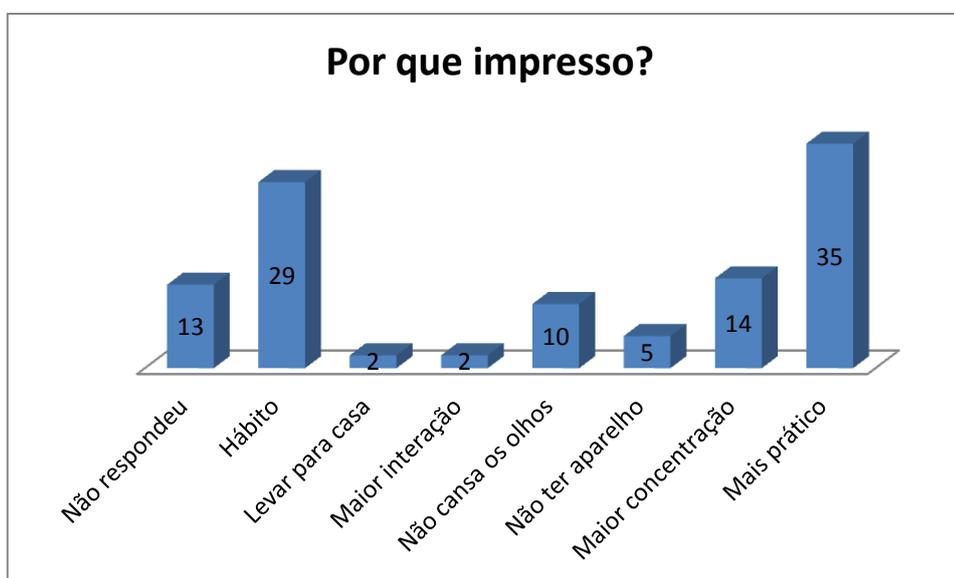


Gráfico 16 - Motivos da preferência pelo impresso.
Fonte: dados da pesquisa (2013)

Os principais motivos apontados pelos respondentes para preferirem o livro impresso são (em ordem de preferência): 'Mais prático'; 'Hábito'; 'Maior concentração' e 'Não cansa os olhos'.

A praticidade apontada pelos alunos é relativa, pois os atuais *e-readers* têm o mesmo tamanho e peso de um livro impresso, possibilitam transportar uma biblioteca inteira; com um visor que não tem reflexo e possibilita a leitura inclusive ao sol; escrito com *e-ink* (tinta eletrônica) que possibilita uma leitura muito semelhante ao impresso. Aqui também está a solução para a resposta: 'Não cansa os olhos.' A questão do hábito já foi muito bem elucidada por Goulemot (1996) na contextualização teórica e vai depender do tempo e do aumento da oferta desta nova tecnologia a um número crescente da população. Para: 'maior concentração' também fica atrelada à apropriação dos modelos e códigos narrativos atuais, citados por Goulemot (1996), para criar as novas habilidades e se adequar às alterações.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Comparando os dados obtidos nesta investigação com os da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil e os resultados do questionário, constata-se que a maioria dos leitores que fazem uso da leitura digital é composta por jovens. Outro fator que merece destaque é a escolaridade: 43% dos entrevistados já concluíram o ensino superior e 37%, o ensino médio o que os capacita a cursar uma faculdade. Ou seja, o público da pesquisa brasileira contempla o da pesquisa em foco neste trabalho.

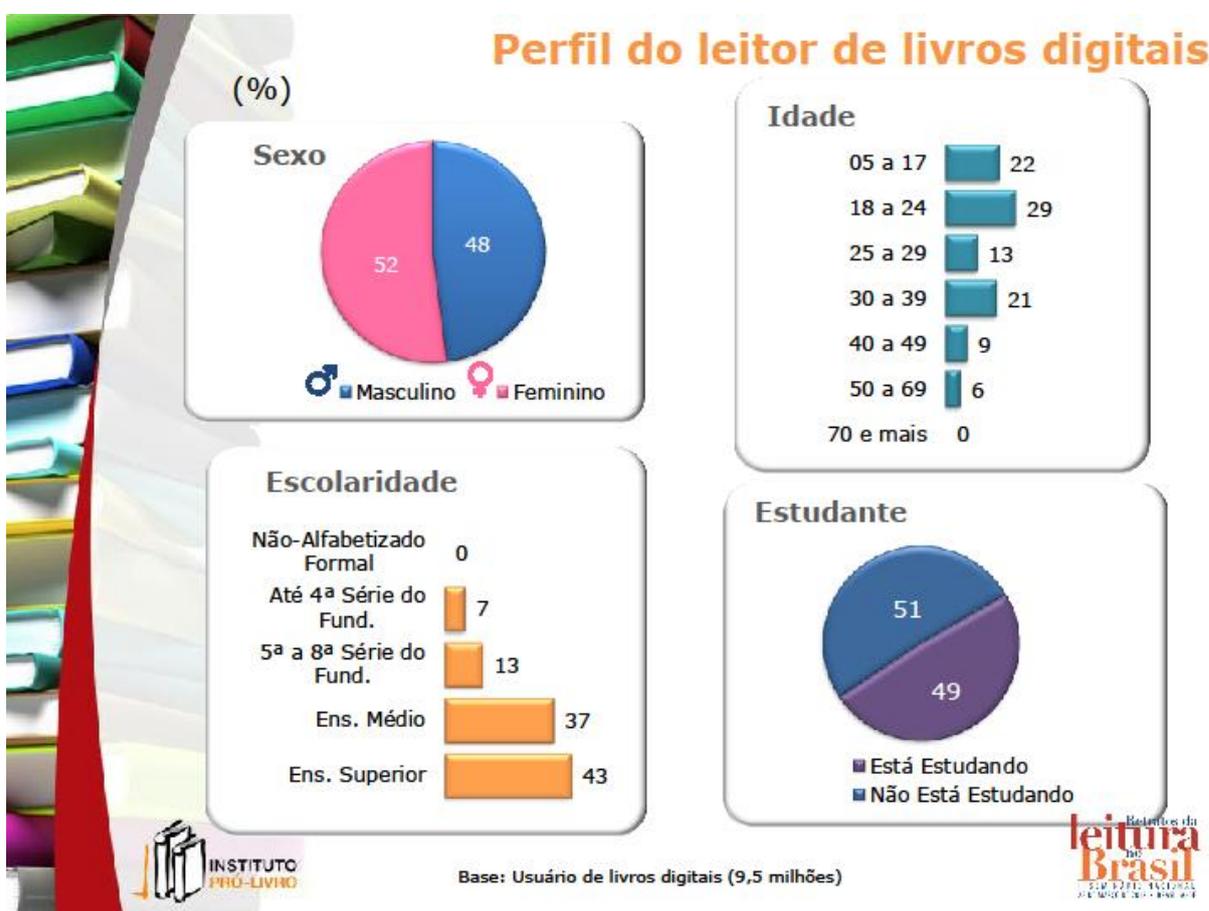


Gráfico 17 – Perfil do leitor de livros digitais.
Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, (2011).

No entanto, com relação especificamente a este estudo feito, observa-se que a maioria dos alunos que participaram da pesquisa (61,7%) utiliza *e-books* em suas leituras de conteúdos acadêmicos, mas somente 29,3% para conteúdos de lazer. As

opções que se destacam nas atividades de lazer são navegar na internet e, principalmente, acessar redes sociais.

Grande parte dos respondentes (78,4%) utiliza fontes de informação em meio digital, o que demonstra o domínio que possuem da tecnologia. Por outro lado, 79,6% costumam baixar livro digital gratuito. O *site* Googlebooks foi o apontado como o mais utilizado para localização e *download* de livros.

Os livros digitais foram considerados com vantagens sobre os impressos por 83,2% dos alunos e as principais vantagens apontadas são a praticidade, peso e rapidez de acesso, houve, também, a preocupação com o custo e a ecologia pelo fato do *e-book* não gastar papel.

Contraditoriamente, 71,8% considera que o livro digital possui desvantagem com relação ao impresso e cita que além de ser cansativo provoca desconcentração, em função de que alguns aparelhos oferecem acesso à internet, o que acaba sendo mais atrativo e dispersa a atenção. Não poder riscar também é apontado como desvantagens e 20% afirmaram que sentem prazer em ler um livro impresso.

Constatou-se que a maioria (84%) dos alunos não possui um aparelho específico para leitura digital o que justifica o fato de apenas 17,3% informarem ter adquirido livros digitais.

Na intenção de uso de aparelhos leitores disponibilizados pela Biblioteca, ficou claro que a maioria pretende utilizar para leitura dos *e-books* disponibilizados pela mesma. Alguns alunos disseram que vão utilizar também para acessar conteúdos na internet, redes sociais ou assistir filmes e clipes musicais. Somente dez alunos, dos 167 entrevistados, afirmaram que não vão fazer uso da mídia que será disponibilizada.

Sobre a preferência entre o digital e o impresso surpreendeu a preferência pelo segundo 59,3%. Dos 37,4% que preferem o digital apontam que a praticidade é o principal fator para a escolha. O que surpreendeu na preferência pelo impresso foi o fato de o considerar mais prático e, também, o hábito foi alegado como outro motivo.

Com relação às negociações entre as editoras e as bibliotecas, principalmente aqui no Brasil, o assunto precisa ser mais discutido, pois há resistência por parte das editoras em fornecer o *e-book* para as bibliotecas pela dificuldade de controle na disponibilização. É necessário que se criem políticas tanto para a aquisição, como para a disponibilização dos livros eletrônicos. As bibliotecas necessitam estabelecer políticas específicas para administrar este novo item de seu

acervo, que não é tangível. Os bibliotecários e atendentes deverão ter domínio sobre o novo produto, tanto os *e-books*, como os *e-readers*, para que possam dar instruções claras aos usuários e, assim, prepará-los para o uso da nova tecnologia.

Conclui-se que o assunto precisa ser amplamente discutido e que sejam criadas políticas para a comercialização e para as formas de disponibilização e ainda que a lei dos direitos autorais seja revista para poder assegurar os direitos do autor, das editoras, bibliotecas e usuários tornando o livro digital acessível a todos.

Entende-se, também, que ao se levantar o perfil do leitor da Biblioteca da Escola de Engenharia da UFRGS e seus interesses com relação à leitura digital, se atingiu o principal objetivo desta investigação que era 'Averiguar como os alunos da Escola de Engenharia da UFRGS, que são usuários da Biblioteca da Escola de Engenharia da UFRGS (BIBENG), usam a informação digital em seus estudos acadêmicos e em atividades de lazer.'

Tendo em vista a atualidade do tema, recomenda-se que outros estudos sejam aprofundados nesta área, cobrindo aspectos como questões referentes aos formatos e equipamentos de leitura digital e a relação de editores, bibliotecários e usuários, em especial.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Pedro. 10 Vantagens dos Leitores de Livros Digitais. In: **Revolução Digital**, Lisboa, set. 2013. Disponível em: < <http://www.revolucaodigital.net/2013/09/16/10-vantagens-dos-leitores-de-livros-digitais/>>. Acesso em: 10 out. 2013.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A Leitura: uma Prática Cultural. In: **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BRASIL. **Constituição Federal** (1988). Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 21 out. 2013.

BRASIL. **Lei 9610**, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a Legislação sobre Direitos Autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: <[HTTP://planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9610.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9610.htm)>. Acesso em: 21 out. 2013.

BUSH, Vannevar. As We May Think. **Atlantic Monthly**, v.176, 1, p.101-108, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve História do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto/INL, 1994.

CARRENHO, Carlo. Estimada em 0,23 por cento a participação de e-books no mercado brasileiro em 2012. In: **Tipos Digitais**, Rio de Janeiro, ago. 2013. Disponível em: < <http://www.tiposdigitais.com/2013/08/participa%C3%A7%C3%A3o-de-e-books-no-mercado-brasileiro-em-2012.html>>. Acesso em: 10 out. 2013.

CHARTIER, Roger. Do Livro à leitura. In: **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. P. 77-105.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. Da História da Cultura Impressa à História Cultural do Impresso. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo: v. 28, n. 1, p. 81-104, jan./jun. 2005.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009.

COSTA, Cristiane. Por uma Ideia de Literatura Expandida. In: SILVEIRA, Julio (Org.). **Livrolivre, Novas Possibilidades do Digital para a Escrita a Leitura e a Publicação**. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2011. P.120-136.

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do Livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GABILONDO, Ángel. Prólogo. In: **Leer para Aprender Leer en La Era Digital**. Espanha: Secretaría General Técnica, 2010. Disponível em:

<http://www.mcu.es/libro/docs/MC/Observatorio/pdf/leer_aprender_MEducacion.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2013.

GERAÇÃO XYZ. **Soluções em Redes Sociais**. Uberaba, 2013. Disponível em: <<http://www.geracaoxyz.com.br/geracao-xyz.html>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Patricia. Leia entrevista do autor da expressão 'Imigrantes Digitais'. **Folha.com**, São Paulo, n.984, out. 2011. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/saber/983798-leia-entrevista-do-autor-da-expressao-imigrantes-digitais.shtml> >. Acesso em: 27 jun. 2013.

GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como Produção de Sentidos. In: **Práticas da Leitura**, São Paulo: Estação Liberdade, 1996. P. 107-116.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura do Brasil**. 3. ed. São Paulo: IPL, 2012. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 24 set. 2013.

KELLY, Kevin. O que os Livros se tornarão. In: SILVEIRA, Julio (Org.). **Livrolivre, Novas Possibilidades do Digital para a Escrita, a Leitura e a Publicação**. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2011. P.17-37.

LANGE, Deise Fabiana. **O Impacto da Tecnologia Digital sobre o Direito de Autor e Conexos**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1996.

LIMA, Maria de Fátima Monte. Educação e Novas Tecnologias: direito de todos! In: **Comunicação, Informação e Cultura: Dinâmicas Globais e Estruturas de Poder**. Salvador: Edufba, 2004.

LOIOLA, Rita. Geração Y. **Revista Galileu**, São Paulo, n. 219, out. 2009. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

MORETTI, Edvaldo Cesar. A Era dos Livros Digitais. **Premissas**, Dourados, n. 2, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/premissas/article/viewFile/841/505>>. Acesso em: 18 out. 2013.

PANSA, Karina. Prefácio. **Retratos da leitura do Brasil**, 3. ed. São Paulo: IPL, 2012. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 24 set. 2013.

PATRIOTA, Gonzaga. **Para Geração Y, Dominar Tecnologia é mais importante que saber Línguas, diz pesquisa**. Blog do Gonzaga Patriota, 2013. Disponível em: <<http://gonzagapatriota.com.br/2013/para-geracao-y-dominar-tecnologia-e-mais-importante-que-saber-linguas-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro Tradicional X Livro Eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus**. n.3, jun. 2009 (revista digital). Disponível em: <www.hipertextus.net >. Acesso em: 19 jun. 2013.

PINHEIRO, Carlos. Dicionário do Ebook. **Ler Ebooks**, Sintra, 2011. Disponível em: <<http://lerebooks.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

SANTOS, Maria Lúcia. **Do Giz à Era Digital**. São Paulo: Zouk, 2003.

SANTOS, Roberta Kerr. A Evolução do Suporte Material, do Livro ao *E-book*: mudanças e impactos ao leitor contemporâneo. **Soletras**, São Gonçalo, n. 20, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/20/02.pdf>>. Acesso em 02 out. 2013.

SANTOS, Vânia Maria Nunes dos. **Escola, Cidadania e Novas Tecnologias: o sensoriamento remoto no ensino**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SERRA, Liliana. E-books nas Bibliotecas: entrevista com Liliana Serra. **Monitoria Científica FaBCI – FESPSP**, São Paulo, Set. 2013. Disponível em: <<http://monitoriafabci.blogspot.com.br/2013/09/e-books-nas-bibliotecas-entrevista-com.html>>. Acesso em: 26 set. 2013.

SERRA, Liliana Giusti. Empréstimo Digital: Como atender Editores, Bibliotecas e Usuários: estudo sobre novos modelos de negócios. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais das seções temáticas**. Gramado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. P. 485-494.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

STEVENSON, William J.. **Estatística Aplicada à Administração**. São Paulo: Harbra, 2001.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **SOCERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007. Disponível em: <http://www.polo.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.

WILD, Christopher J.; SEBE, George A .F. **Encontros com o Acaso: um primeiro curso de análise de dados e inferência**. Rio de Janeiro LTC, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZAYAS, Felipe. Leer em La Red. In: ZAYAS, Felipe **Leer para Aprender Leer en La Era Digital**. Espanha: Secretaría General Técnica, 2010. Disponível em: <http://docentes.leer.es/files/2009/05/art_prof_ep_eso_leerenlared_felipezayas.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA



QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo subsidiar dados para um estudo sobre a possibilidade de disponibilização de *e-readers* na BIBENG. Os alunos participantes desta pesquisa não serão identificados individualmente.

Contamos com a sua colaboração!

Obrigado.

Idade:.....

Sexo: () M () F

Curso:.....

Etapa mais adiantada:.....

1. Com que frequência você faz uso da leitura digital ?

()	()	()	()
Uma vez na semana	Duas vezes na semana	Uma vez no mês	Outra opção:

2. Faz uso de *e-books* para conteúdos acadêmicos?

()	()	()	()
Sempre	Com frequência	Raramente	Nunca

3. Faz uso de *e-books* para leituras de lazer?

()	()	()	()
Sempre	Com frequência	Raramente	Nunca

4. Com que periodicidade costuma utilizar fontes de informação em meio digital em seus estudos/pesquisas?

()	()	()	()
Uma vez na semana	Duas vezes na semana	Uma vez no mês	Outra opção

5- Costuma baixar livros digitais disponibilizados gratuitamente?

Sim	Não
()	()

6. Que sites/portais você utiliza para ler ou fazer download de livros?

.....
.....

7. Considera que o livro digital tem **vantagens** sobre o livro impresso?

Sim	Não
()	()

Quais?.....
.....

8. Considera que o livro digital tem **desvantagens** sobre o livro impresso?

Sim	Não
()	()

Quais?.....
.....

9 Possui *e-reader* para leitura de *e-books*?

Sim	Não
()	()

10 Já comprou livro digital?

Sim	Não
()	()

11. Que usos você pretende dar para os *e-reader* que serão disponibilizados pela BIBENG?

()	()	()	()
Navegar na <i>Internet</i>	Acessar redes sociais	Assistir filmes e clipes musicais	Ler os <i>e-books</i> emprestados pela biblioteca

Outra. Especifique:.....

12 Quantas horas diárias seria o mais adequado para a BIBENG emprestar o *e-reader*?

.....

13. Se em sua atividade acadêmica existe um título digital e exemplares impressos na biblioteca, qual deles você prefere?

Digital	Impresso
()	()

Por quê?.....

Escreva aqui suas sugestões/recomendações para uso de livros digitais na BIBENG:

.....
.....
.....
.....